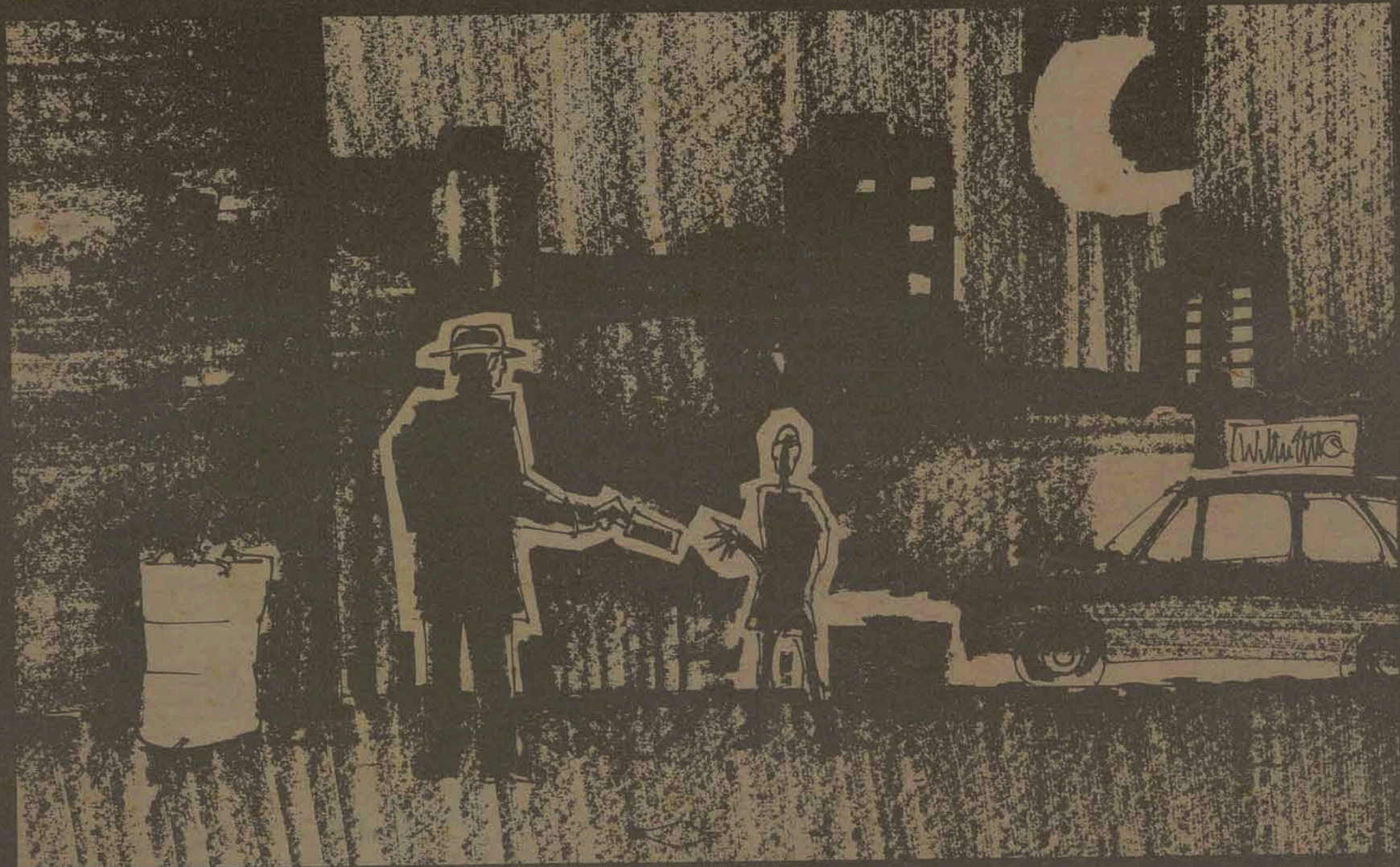


ZERO

Florianópolis, dezembro de 1987.



OS MENINOS DO MICHÊ

PROFESSORES ALEGAM
PERICULOSIDADE
PARA GARANTIR
ADICIONAL

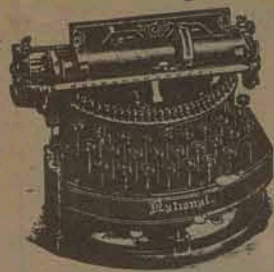


ZERO PREVIU: ELEITOR FEZ
PAPEL DE BOBO
E BRUNO ASSUME MESMO
NA REITORIA

A EMOÇÃO DE PILOTAR
MOTOS CORRENDO POR
CAMINHOS NATURAIS



O DISCO E A TURNÊ DE STING NO CADERNO Z



ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi executada na madrugada de 25 de novembro de 1987.

Textos: Ana Cristina Lavratti, Ana Paula Marcili, Carla Cabral, Carlos Augusto Locatelli, Carlos Eduardo Caê, Claudia Carvalho, Daniel Paim, Daniel Isidoro, Dauró Veras, Dione Romeu Cristofolini, Ewaldo Neto, Fernando Crocomo, Ismail Ahmad Ismail, Ilka Margot Goldschmidt, Ivonei Fazzioni, Joachim Herbert Schmitz, Karin Veras, Luciano Faria, Luis Felipe Miguel, Mara A. Paiva, Mário Vaz, Marques Casara, Milton Spada, Monique Vandressen, Phillipe Arruda, Rosângela Bion, Rubens Vargas, Sabrina Franzoni, Sívila Lara Zamboni.

Diagramação: Analú Zidko, Cláudia Lyra, Cláudia Carvalho, Cláudia Finardi, Denyris Rodrigues, Ivan dos Santos, Mara Schuster, Márcia Carvalho, Rosana Moliner, Roseli de Souza, Sabrina Franzoni, Rute Enriconi, Suely Figueiredo e Joachim Herbert Schmitz.

Fotografia: Ana Paula Marcili, Carlos Augusto Locatelli, Daniel Isidoro, Fernando Crocomo, Ivonei Fazzioni, Joachim Herbert Schmitz, Phillipe Arruda.

Laboratório Fotográfico: Ana Paula Marcili, Carlos Augusto Locatelli, Monique Vandressen e Phillipe Arruda.

Ilustrações: Walter Plint Quintin.

Edição: Equipe Zero.

Edição Gráfica: Ricardo Barreto.

Coordenação e Supervisão: professores Hélio Schuch, Luis Alberto Scotto, Paulo da Cunha Brito, Pedro Hesse, Ricardo Barreto.

Telefone: (0482) 33-9215

Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC.

Composição, Revisão, Acabamento e Impressão: Empresa Editora O Estado.

Distribuição gratuita. Circulação Dirigida.

PALPITEIROS

O que os estudantes pensam da imprensa

As opiniões não são favoráveis

Carlos Eduardo Caê

A imprensa brasileira constantemente acusa os partidos e as entidades de classe de estarem desacreditados junto ao povo. Mas, afinal de contas, como anda o crédito da própria imprensa? Para saber esta resposta ouvimos os estudantes da UFSC, nosso maior público leitor. Publicamos a seguir, a opinião de alguns deles, sobre a imprensa catarinense.

A estudante de Administração Isaura Stefano, considera que a imprensa é "no mínimo pouco confiável". Opinião semelhante tem o

estudante de ciências sociais Lucio Giovanela, que diz serem os meios de comunicação "sempre oficiais", por isso sem crédito. Cláudio Pache — ex-presidente do DCE — considera que ela serve "apenas para buscar algum subsídio". Todos os outros entrevistados têm a mesma opinião. Mas por que isto acontece?

Eugênio Maier, estudante de Engenharia Civil, considera que a culpa é "exclusivamente dos donos dos jornais". Eugênio faz questão de inocentar os repórteres: "Eles agem por ordem dos patrões", diz. Outro que defende os jornalistas, é Cláudio Pache, para quem "o único culpado é o sistema". Mas não são todos que pensam desta forma.

Ivan Brognoli, estudante de Biologia, acha que "os jornalistas sofrem a ação dos donos dos jornais", mas faz uma ressalva, muitos são

tendenciosos". Mais contundente é a opinião da estudante de Farmácia, Fernanda Mazzini. Para ela "existem bons profissionais, mas muitos não tem o menor senso ético". Fernanda reclama que muitos jornalistas "colocam as palavras deles na nossa boca". Desconfiada ela faz uma exigência: "Veja bem o que vai escrever aí".

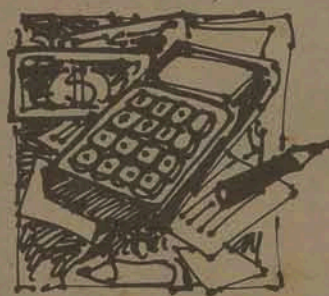
Do outro lado da linha, para defender a categoria, Celso Vicenzi, presidente do sindicato dos jornalistas vê algum equívoco: "muitas vezes os entrevistados mentem e a culpa cai na imprensa". Para ele, "os nossos repórteres se limitam a copiar sem investigar". Celso até cita um exemplo "veja o caso AIDS, acusaram e não provaram nada". Ele conclui dizendo que os donos dos jornais "transformaram a notícia em sabonete de luxo, com bela embalagem e pouco conteúdo".

O sonho da inflação zero

Joachim Schmitz

Um brasileiro que porventura resolva retornar à pátria dificilmente reconhecerá a terra canarina. Terá ante os olhos um país transformado impiedosamente em laboratório experimental pelos economistas que nos regem e que, na tentativa de se tornarem beatos, tanto insistem em prometer milagres como no vão intuito de materializá-los. Prometem fabricar um super-herói animado que subirá no tablado e, com golpes arrojados e certos, eliminará para sempre o até então eterno fantasma chamado inflação. Combatem-no lutando contra suas consequências e não, o que seria mais correto e louvável, contra suas causas.

Ao ser efetuado o controle e o congelamento de preços, o governo, aqui representado pelos ministros-professores econômicos, cria a inalcançável inflação zero. A inflação verdadeira é a excessiva emissão de moeda, superior a correspondente aumento de pro-



dução de bens de consumo. O que ocorre é que o Estado mantém um controle monopolista sobre a Casa da Moeda, imprimindo, para tapar os buracos provenientes do déficit público, mais e mais dinheiro excedente. E esse excedente, cedo ou tarde, entrará em circulação causando o temível desequilíbrio monetário. Um produto qualquer vale Cz\$ 10,00 mas teremos Cz\$ 12,00 para comprá-lo. Resultado: é lógico que o produto precisará ter seu preço de ofertas elevado para Cz\$ 12,00. E não há mal nenhum nisto.

Um pouco de história não faz mal a ninguém. Na intenção de inventar a inflação zero muitas cabeças rolaram. A de Diocleciano, na Roma Antiga; a de Richard Nixon, nos Estados Unidos; a de Allende, no Chile; e, como não poderia deixar de ser, a de Funaro, no Brasil. Errar é humano, mas persistir no erro é, no mínimo, burrice. Não tardará e também Bresser terá uma sensação de vazio existencial logo acima do pescoço...

Outro fato relevante: enquanto a tendência mundial é a redução gradual dos impostos a serem pagos pelo contribuinte, o Leão está cada vez mais faminto. Se fossem reduzidos os impostos, o cidadão brasileiro teria mais dinheiro para investir e poupar; e, em se tratando de um empresário, para expandir sua fábrica, criando, desta forma, mais empregos e divisas. O Estado, por sua vez, arrecadaria muito mais, pois haveria um sensível aumento na produção de mercadorias susceptíveis a outros impostos (IPI, ICM, etc...). Então, por que não tentar?

As melhores fotos do ano dia 12, no CIC

Dione Cristofolini

Com início no dia 12 de dezembro será realizada no Museu de Artes de Santa Catarina (MASC), situado no prédio do CIC, a exposição de fotografias "As melhores fotos do ano em SC". Estarão expondo suas fotos os grandes jornais da imprensa catarinense como o Diário Catarinense, A Notícia, Jornal de Santa Catarina, O Estado e diversos fotógrafos independentes. O Sindicato dos Jornalistas já selecionou cerca de 80 fotos, mas poderão ser expostas até 120.

As pessoas interessadas em participar da exposição deverão entrar em contato com Orestes Araújo pelo fone 22-5155 para que seja feita uma avaliação e seleção das fotos.

HUMOR

Classificados

Anuncie Aqui: 339215
Estudante de Jornalismo que errou procura namorado compreensivo, de pistola grande, que dê tiros certos. Exige-se referências.

Vende-se "O Capital", original em alemão. Para revolucionários de todas as idades, de meia tigela, corpo inteiro, a preço de nenhum sandinista botar defeito.

Procuo Psicólogo: Eu... Sou rebelde por que o mundo quis assim... e as pessoas se fecharam para mim...

Vendo uma foto do Lombardi, Ra, Ra, Ralii... Quanto vale a tua foto Lombardi? Não sei, Silvio. Só quem tiver rigorosamente em dia com as suas prestações é que poderá comprá-la.

Partidários do Bollmann exigem voto universal para transfusão com seringa descartável, para evitar a contaminação dos novos cupinchas do Pinto.

Libido-clip

A Associação Carnavalesca Rejeitados da Embrafilme está colocando à disposição dos jornalistas aposentados os novos lançamentos da Videoteca de Jornalismo:

- 1 - Tira a mão da minha espiral.
- 2 - Tira a mão da minha espiral II — A Missão
- 3 - A grande paica do diagramador.
- 4 - O enviado gay.
- 5 - Reportagem clitoriana
- 6 - As piranhas da coluna social.
- 7 - Bacanal na casa do editor.
- 8 - O incrível orgasmo da estagiária.
- 9 - No escuro ele se revela...
- 10 - Diafragma profundo.
- 11 - Meu fotógrafo, meu puto.
- 12 - Suruba na sala de vídeo.

A exploração da Usati

FOTOS: FERNANDO CROCOMO/ZERO

Fazendas fechadas, sindicatos pelegos e uma usina que tira a liberdade do trabalhador. É a exploração agrária

Por muito tempo ele foi um lavrador. Na casa em que mora, os móveis ainda são os mesmos, com flores de plástico no vaso sobre a mesa e garrafas de cachaça com infusão de ervas sobre a cómoda. A terra que tinha ficou para a Usati em troca do tratamento médico de sua esposa, que veio a falecer depois de 22 dias de tratamento. Na parede da atual casa na cidade, resta apenas a família num retrato preto e branco colorido a mão e um quadro com uma homenagem à mãe querida.

Hoje, seu Dedecá, com 75 anos de idade, não se arrepende por ter vendido os 60 hectares que tinha em Timbé, no interior do estado. "Foi porque a mulher pediu", procura esclarecer. Mas se fosse jovem garante que gostaria de contar de novo com a propriedade. A Usati "foi boa" porque comprou no momento em que precisava de dinheiro. Na verdade, os donos da usina já estavam há tempo de olho e esperaram o momento certo para incorporar a terra no grande latifúndio de cana-de-açúcar.

Ele era minifundiário. Plantava arroz, milho, feijão, entre outras culturas de subsistência, vendendo para a cidade o que sobrava. A Usati se interessava em comprar cana que às vezes plantava, mas ela nem sempre buscava o produto e quando o fazia cobrava altas taxas. Hoje a usina planta praticamente tudo o que precisa em terras adquiridas de antigos minifundiários, muitos hoje trabalhando para a empresa como assalariados, cortando cana.

Aposentado, seu Dedecá conta com seu Furrural, que paga meio salário mínimo por mês, com assistência médica que deixa a desejar. Agora, espera apenas que o tempo passe, numa casinha azul, em Tijucas.

Exploração

No interior de Santa Catarina, os municípios de Canelinha, Governador Celso Ramos, Biguaçu, São João Batista, Nova Trento, Itajaí, Navegantes, Piçarras e Gaspar sofreram um rápido processo de expropriação. Muitos agricultores perderam suas terras iludidos pelas propostas da Usati — Usinas de Açúcar e Alcool de Tijucas — e hoje trabalham como meeiros, arrendatários



Dona Benta: ganhando metade do que produz

e assalariados. Como a dona Benta, 78 anos, que durante toda sua vida plantou na terra dos outros, entregando sempre metade da produção para o dono da terra em que trabalha.

Na Comissão Pastoral da Terra (CPT), Antônio Carlos dos Santos explica melhor como isto aconteceu: "muito trabalhador não conhecia o valor da terra e encontrava na Usati uma forma de se proteger dos imprevistos do tempo e conseguir emprego assalariado". Doce ilusão. Em pouco tempo o seu salário estava desvalorizado.

Com o patrimônio no campo de dez mil hectares, a Usati necessita de muita mão de obra para cultivá-lo. A usina treina pessoal qualificado para buscar plantadores de cana em outros estados. Resultado: nos municípios humildes muito agricultor se deixou levar pelas histórias de um salário garantido, moradia e boa alimentação. Ao chegar no local para assinar a carteira de trabalho vê a grande decepção e o fim do

sonho. O próprio secretário geral da Usati, Edson Moritz, reconhece os sérios problemas da região. O pior é que nenhum desses agricultores têm chances de retornar às suas terras.

Controle

Hoje, para manter os mil empregados, a Usati possui um rígido sistema de segurança, de dar inveja a qualquer campo de concentração. Primeiro que ninguém pode entrar nas fazendas, nem o presidente do sindicato, como conta o seu Zequinha, ex-presidente do Sindicato Rural. Lá dentro, o esquema de controle do agricultor obedece a uma hierarquia e qualquer eventualidade é inicialmente contida pelos feitores, que são antigos médios produtores expropriados, que recebem um treinamento semanal para lidar com o trabalhador. Eles comunicam qualquer mobilização ao escritório da ponte de Tijucas e tentam abafar o problema para que não chegue ao escritório central. Aí são tomadas as medidas de pressão: mudança de setor, perseguição e até demissão.

Antônio Carlos da CPT conta da dificuldade para o entrosamento dos sindicatos que abrangem a área da Usati. "Há muitos sindicatos pelegos apoiados pelas prefeituras, que não estão nem aí para os trabalhadores. Por isso todo o ano o dissídio é assinado pelos sindicatos sem qualquer problema. Os trabalhadores nunca apresentaram uma contra proposta e afinal de contas "não importa o que eles querem e sim o que interessa a empresa", explica o secretário geral da Usati.

Os trabalhadores ganham atualmente 1,3 salários mínimos, com direitos à sopa quente ao meio-dia, um pão à tarde e uma cesta alimentícia semanal. Contribuições que segundo Edson Moritz são inéditas à nível de Brasil: "nós temos bóia-quente, transportamos os trabalhadores num caminhão coberto por uma capota de alumínio, que tem janelas". Essas benfeitorias na realidade constituem barreiras para uma maior mobilização dos trabalhadores.



Dedecá, vítima da Usati.

Reforma agrária: o marasmo continua

Depois que a União Democrática Ruralista (UDR) e a Polícia Militar expulsaram os sem-terras que ocuparam latifúndios improdutivos em Campo-Erê e Irani, no oeste do Estado, o processo de reforma agrária continua no mesmo marasmo. Apenas a opinião pública sabe que existe mais alguns sem-terras além do que imaginava. A grande imprensa continua apresentando algumas linhas sobre o movimento dos camponeses, mas sempre omitindo as reais condições dos acampamentos. O interes-

sante, que foi a ocupação, já acabou e o assunto não tem merecido lugar de destaque nos jornais.

O que sobra são posições políticas. Enquanto o governador Pedro Ivo afirmava que não eram sem-terras que ocuparam as grandes propriedades improdutivas e sim proprietários interessados em desestabilizar o processo de "transição democrática", o seu companheiro de partido e delegado regional do Ministério da Reforma Agrária em SC, Jacó Anderle, garante que não fazer reforma

agrária é que se consolidará numa ameaça à "transição democrática", ou melhor, ameaça à "revolução democrática".

Agora que Santa Catarina conta com títulos para a aquisição de terras, faltam recursos humanos para a realização de pesquisas que sejam detectadas áreas improdutivas e para dar assistência aos assentados. Nada significativo para o governo e para a grande imprensa. Apenas crianças nascendo cegas por falta de vitaminas e lavradores morrendo de fome.

FOTO: ALEXANDRE INKOTTE/MIRAD



Miséria enquanto a reforma agrária não vem

Capoeira: berimbau e espírito

FOTO: CARLOS A. LOCATELLI/ZERO

A prática da dança é um símbolo de luta que expressa liberdade

Karin Veras

Você quer jogar capoeira? Basta gostar de dançar, cantar, gingar, lutar, sentir e viver em grupo. "É uma simplicidade muito louca", nas palavras do contra-mestre Carlos Alberto, o 'alemão'. Em clima de amizade e muito respeito, ele dirige um grupo heterogêneo de aproximadamente 60 pessoas que resolveram 'entrar na roda' e não pretendem sair tão cedo. O grupo Ajagunã dos Palmares está em festa porque irá receber mestres de Sergipe e Salvador, como também do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o primeiro batismo dos capoeiras daqui.

São homens e mulheres, brancos e negros, acadêmicos e moleques carentes. Eles se reúnem terças e quintas à noite no ginásio de alumínio da UFSC, além de chamarem a comunidade universitária todos os dias às 12h30 em frente ao convívio, para a embriaguez de seu ritmo. A proposta é divulgar a capoeira como um todo, indo além do exercício físico para alcançar a magia: sabedoria de poucos. A raiz negra da capoeira, bem como a expressão de liberdade do negro à qual está relacionada, não impede que o branco possa ser um verdadeiro capoeira. É isto que se vê no grupo: todos aprendem, ensinam, fazem o ritmo, brincam e compartilham de uma cultura que é afro-brasileira.

Preconceito

Na capoeira, o negro vai ensinar o que é ser negro-daí surge o respeito. Como diz alemão: "Nunca vou ser negro, mas sou capoeira". As vezes ele é até recriminado por negros por ser porta-voz desta raça.

Mas acredita que "chega uma hora em que as pessoas sentem necessidade de se dar, de se respeitar, daí a cor da pele some". Como some o preconceito recíproco. E isto tende a acontecer na capoeira. Alemão é gaúcho e entrou em contato com o 'jogo' há 10 anos. Foi por brincadeira, mas desde então, a capoeira se tornou sua estrela guia.

"Chamar para a relação em sociedade". É esta a magia da capoeira segundo alemão. 'Jogando', o indivíduo se vê envolvido com todo um aspecto sócio-econômico e cultural. Dessa consciência, nasce a necessidade de reconhecer, por exemplo, que Zumbi, além de ser considerado o primeiro mestre da capoeira, foi o verdadeiro abolicionista e não a princesa Isabel. Alemão diz ainda que durante a 'brincadeira', o indivíduo coloca o mais íntimo de seu ser. E reflete sua forma de agir ante os estímulos de perigo, amor, tesão, ódio e medo. A partir desta vivência podem ocorrer modificações significativas na vida do praticante.

Além dos elementos principais: corpo e espírito, os instrumentos utilizados na capoeira são berimbau, atabaque, pandeiro, reco-reco e agogô. São antiquíssimos e ligados a uma tradição mística.

Sentir

"A capoeira não intelectualiza nada, ela sente". É uma forma de todos terem o poder" - diz alemão. Opinião semelhante tem Helmeny T.S. Reis, de 22 anos. Ele entrou no 'jogo' há um ano e meio e reconhece na capoeira a luta e o folclore, além de um excelente exercício físico. Helmeny é negro e fala na manu-

tenção da cultura afro, que considera apaixonante e tem sua expressão na mística, nos cantos, no batuque.

Fábio também é negro, tem 12 anos e mora no Pantanal. Lembra com orgulho que "capoeira é uma dança deixada pelos escravos". E diz que ela lhe dá mais coragem, mais emoção.

"Corro para manter o corpo em forma e faço capoeira para manter a mente em forma". Estas palavras são de Cláudia Andréa de 22 anos, acadêmica e atleta. Considera o 'jogo' como dança, religião, chama, união entre as pessoas. Diz que lhe traz calma e flexibilidade, além de mudar o relacionamento interpessoal dentro e fora do grupo.

Batismo

"Canarinho da Alemanha", é que matou curiosidade.

Eu já vi capoeira/, da Bahia a Macaé". Este cântico expressa a crescente expansão da capoeira, não só no Brasil como Estados Unidos, Argentina e França. Os lugares ocupados são praças, academias, universidades e a própria rua. Com a vinda de mestres do nordeste trazendo de lá o 'seleiro da tradição' para o batismo dos capoeiras daqui, o sul vai receber grande impulso.

"Dos dias 1 a 4 de dezembro haverá atividades internas entre os capoeiras, com exames e 'jogos' diversos. Dia 4, a roda tradicional do convívio será abrilhantada com a presença dos mestres. Dia 5 haverá a "Segunda Grande Roda de Florianópolis", na praça XV. E às 18 horas, um debate sobre capoeira no auditório do DCE.

Finalizando, dia 6, às 16 horas, no restaurante universitário ocorrerá o batismo do grupo Ajagunã de Palmares. O aluno vai ser 'puxado' por um grande mestre para o mundo da capoeira. E como capoeira, que significa mato rasteiro, ninguém planta, nasce sozinha, o aluno receberá um golpe desequilibrante e ao tocar o solo estará batizado. Este momento pode ser relacionado com os 'negros capoeiras' do tempo da escravidão. Eles fugiam e se escondiam no mato onde faziam emboscadas para os brancos. Era a guerrilha dos negros, que "brotavam do chão".



A beleza e a magia de uma arte afro-brasileira

O ritual da fecundidade

Aspectos primitivos relacionam-se com a origem da capoeira. Embora não se saiba exatamente como surgiu, sabe-se que é fruto da fusão de primitivas lutas africanas. Pode-se relacioná-la por semelhança, com uma dança guerreira chamada N'golo que vem de N'gola ou seja, Angola. Sendo a dança da fecundidade, o guerreiro que a ganhasse desposava uma moça sem pagar dote. Na verdade, houve uma miscigenação de motivos afros e brasileiros, aliada à necessidade dos escravos de se defenderem dos capatazes.

Assim, quando percebiam um capataz rondando a senzala, os negros passavam a disfarçar o treinamento a luta com gingas de corpo e música. Isto fazia os brancos pensarem que era "brincadeira".

A capoeira utiliza golpes desequilibrantes (a rasteira) chutes e esquivas (saltos e recuos). Para alguns, ela é símbolo de luta. Para outros, arte marcial. Pode ainda ser considerada como dança folclórica, religião, brincadeira de malandro, esporte ou tudo junto. Embora careça de definição, cada praticante sabe que para compreender seu sentido: "só jogando capoeira".

Medicina alternativa, uma solução segura

Karla Bastos

A medicina tradicional que se cuida. Os doentes, além da doença, estão enfrentando outras enfermidades: as famosas peregrinações aos médicos, listas enormes de medicamentos (quase sempre caríssimos) e o pior, na maioria das vezes, nenhum resultado. Quer dizer, o resultado é a procura cada vez maior às terapias alternativas, ou tudo que foge à medicina tradicional. Homeopatia, acupuntura, bioenergética e shiatsu são as opções preferidas.

Homeopatia

Historicamente a homeopatia é anterior à alopatia, a chamada medicina tradicional. Um dos pontos fundamentais da homeo-

patia, iniciada no século 18, é a escolha do medicamento pela capacidade de alterar o estado de saúde do indivíduo, isto é, as doenças são tratadas por doses mínimas de fármacos que produziriam (com doses grandes, em pessoas sadias) os mesmos sintomas dessas doenças. A crença de que a homeopatia é lenta em seus resultados não passa de um mito. Há casos em que ela pode ser extremamente rápida como em crises de asma, febre alta e até mesmo estados de coma. A homeopatia é recente como especialidade médica no Brasil e a grande diferença deste tratamento é considerar o doente como um todo, sem dicotomizar o emocional do físico. "As pessoas não querem mais ser considera-

das apenas como um rim ou um coração", afirma a Dra. Ligia Moratari. "Elas querem um tratamento mais individualizado e humano, além de resultados eficazes e baratos". Provas experimentais têm demonstrado que a homeopatia não é dogmática nem esotérica, mas que se baseia em leis da natureza verificáveis.

Acupuntura

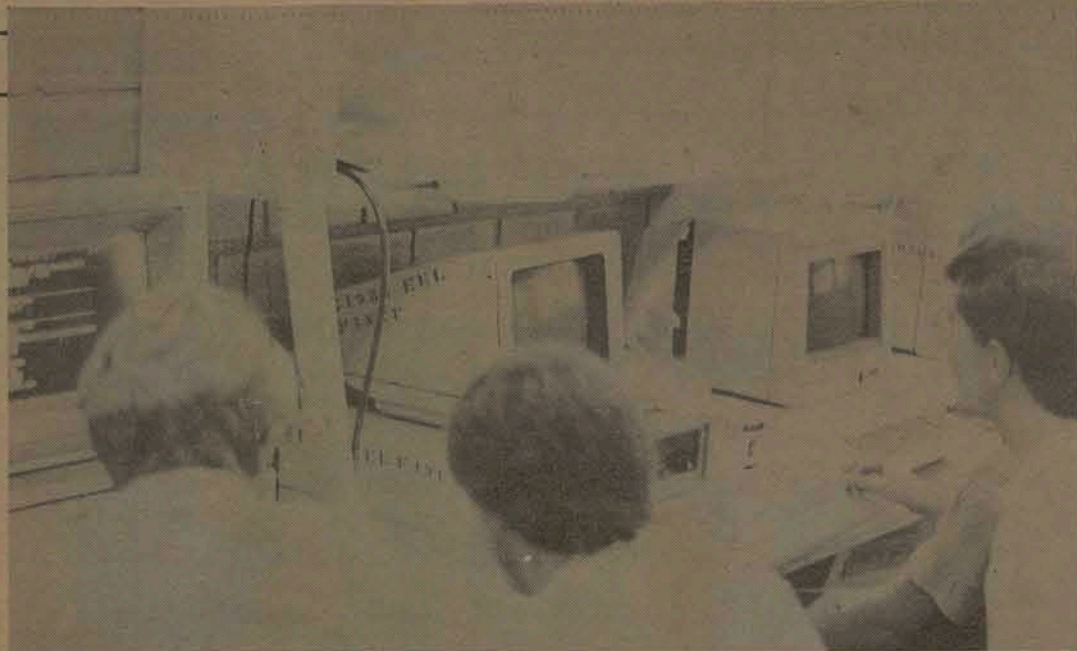
A acupuntura consiste na aplicação de agulhas estimulando os pontos dos meridianos correspondentes a cada órgão ou função do organismo. Estes meridianos podem ser vistos como canais onde circula a energia no corpo. O objetivo da acupuntura não é apenas sintomático, mas sim fazer o balanceamento das

diferentes energias que compõem o organismo, podendo tratar de problemas de ordem psíquica até problemas de pele. Há ainda um grande bloqueio pelos meios acadêmicos e oficiais para o uso da acupuntura numa cirurgia, por exemplo. Se a anestesia suprime sem distinção todas as sensações, a acupuntura produz uma analgesia seletiva, isto é, elimina somente a dor. Com o advento do positivismo no século passado o pensamento filosófico foi abandonado, separando a ciência da medicina por completo. A acupuntura como forma de terapêutica com bases filosóficas não presentes na medicina ocidental, procura evitar a imagem mística. Saber ler e interpretar os sinais do organismo, forman-

do diagnóstico, vai muito mais além da simples adivinhação.

Bioenergia

As repressões e imposições da sociedade tornam a massa muscular enrijecida como uma forma de auto-defesa, denominada por Wilhelm Reich de couraças. Na contração dos músculos ocorre uma perda de sensibilidade causada pelo bloqueio do fluxo energético. Através de exercícios respiratórios e físicos, as couraças são desfeitas relaxando a musculatura involuntariamente e deixando as emoções aflorarem de uma maneira catártica. O objetivo da bioenergia é abandonar a superficialidade existente, buscando a verdadeira identidade de um ser autêntico.



Microcomputadores são o "perigo" no Labio

FOTO: MARQUES CASARZANO

DENÚNCIA

prio Laboratório de Manutenção do Departamento. É interessante ressaltar também que a manutenção é feita pelos funcionários e não por professores. E mais, no LABIO são utilizados para aulas práticas apenas microprocessadores e microcomputadores. Os Laboratórios de Materiais Elétricos e de Instrumentação Eletrônica, onde "Ship" eletrônicos e "software" são trabalhados, estão enquadrados na periculosidade. Assim, professores que realizam suas "atividades didáticas" nestes locais, sejam elas de pesquisa, prática ou simplesmente teóricas, serão favorecidos com o adicional.

Os marajinhas

Os nomes de alguns professores que recebiam, e pretendem continuar recebendo o adicional, vieram à tona a partir da criação de uma Comissão composta por cinco professores e um servidor do Centro Tecnológico, responsável pela verificação dos lugares perigosos.

Logo após sua nomeação, Carlos Zanchin, professor da Elétrica, enviou uma carta ao presidente da Comissão, Nelson Back, abstando-se de quaisquer votações mas dispondo-se apenas a contribuir nos debates da Comissão. Esse fato não é de estranhar, pois além de ter sido beneficiado pelo adicional, Zanchin é candidato a continuar com a vantagem, trabalhando nos laboratórios de Biomédica e Instrumentação. Como ele, o professor Geraldo Kindermann também enviou carta onde demite-se da Comissão, admitindo ter recebido o adicional por algum tempo.

O salário de um professor titular com 40 horas de dedicação exclusiva, como é o caso da

maioria dos candidatos ao adicional, chega a 99 mil cruzados. Os 30% equivalem à quase 30 mil. O Coordenador da Engenharia Elétrica, Carlos Borenstein, juntamente com o professor Walter Celso Lima, entraram com um processo na Justiça contra a UFSC. Os dois estão tentando receber os adicionais não pagos desde a metade do ano passado. Numa só bolada.

Implantado na UFSC já há certo tempo, o SEESMT (Serviço Especializado de Engenharia e Medicina do Trabalho) deveria ser responsável pela constatação ou não de periculosidade nos locais de trabalho. Sua existência é obrigatória tanto em empresas quanto órgãos públicos ou privados, onde mais de 50% dos empregados estejam envolvidos em atividades de risco. Desde 74, esse problema vem envolvendo a Reitoria, que sentia a necessidade de criar o SEESMT, mas por outro lado tinha a autorização para contratar o pessoal responsável. Finalmente em julho de 87 a UFSC recebeu autonomia para isso. Depois de toda essa burocracia, o SEESMT foi parar nas gavetas da Reitoria e os "famosos" responsáveis, até hoje não existem.

Para ser regulamentada essa nova relação de professores e servidores enquadrados para receberem o adicional, depende apenas da avaliação do professor Ademar Antonini, que juntamente do médico Sebastião Vieira são os únicos nomeados pelo SEESMT.

Certos professores alegam que o fim da "periculosidade" iria inviabilizar o ensino nos laboratórios. A verdade porém, é que muita gente está a fim de tirar proveito dessa Lei, sem ter direitos.

Professores querem adicional, de novo

Ilka Goldschmidt

Quando o assunto é ganhar 30% a mais do salário bruto, tudo vale. Até trabalhar com microcomputador se torna risco de vida. Parece brincadeira mas não é. Com base na lei da Periculosidade, os Laboratórios de Engenharia Elétrica da UFSC passaram a ser lugares "altamente perigosos" e os professores poderão receber um adicional de até 30 mil cruzados por mês. São os marajinhos do contra-cheque.

A Lei da Periculosidade, regulamentada pelo decreto federal nº 93.412, destina-se a todos os empregados que ficam habitualmente em áreas de risco. Quando implantada na UFSC, no início de 86, a lei favorecia tanto a servidores quanto professores, mas isso não durou muito tempo — dúvidas começaram a aparecer. Desconfiada que algo estava errado, a Reitoria suspendeu o adicional dos professores, até ser feita uma nova vistoria nos lugares considerados de alto risco. De 86 para cá, muita água rolou. Alguns professores deram para trás, mas muitos continuam ansiosos

por essa "grana extra".

O novo laudo foi feito. Os laboratórios de Elétrica foram vistoriados por uma comissão externa contratada pela UFSC, mas a dúvida continua. Dos cinco laboratórios considerados como áreas perigosas, apenas dois realmente apresentam perigo. Essa constatação é de técnicos em elétrica e alunos que conhecem a situação.

O Laboratório de Engenharia Biomédica e Instrumentação (LABIO) que no laudo é responsável pela manutenção elétrica, não realiza esta atividade pelo simples fato de existir o pró-

Réplica ao sectarismo

Daniel Izidoro



É necessário prestar alguns esclarecimentos sobre "O movimento sem memória", a única matéria sem assinatura do último Zero.

Este texto não era o editorial, assim sendo não representa o pensamento de todos os alunos que participaram da elaboração daquela edição. Sintetizando, discordo. Os motivos:

1— Quando o movimento ecologista foi considerado como um dos motivos do fracasso do ME, revelou-se um preconceito que resgata um dos piores vícios do movimento: o sectarismo. Os estudantes ecologistas devem ser respeitados enquanto segmento do movimento estudantil. A pluralidade de pensamentos não pode ser vista como um empobrecimento.

2— A citação do Do-In, expõe os mesmos preconceitos citados acima. Longe do ocultismo e da irracionalidade, o Do-In é reconhecido no seu país de origem, a China, como uma técnica tão digna de crédito quanto a alopatia o é no Ocidente.

3— Não só o "irracionalismo", o desinteresse dos pequenos-burgueses, o partidarismo, a incompetência e o misticismo esvaziam o movimento estudantil. O protesto silencioso contra os discursos excludentes também.

Márcia Carvalho

Fome, vidros quebrados, falta de higiene, miséria. Esta é a situação do orfanato Pai-Herói. Os quatro meninos de rua que Luiz Barcelos trouxe para casa há 10 anos hoje, são 59. Filhos de prostitutas entregues ao "pai" Barcelos. Menores abandonados que eram registrados apenas como "filho do coração". Hoje, crianças subnutridas e carentes.

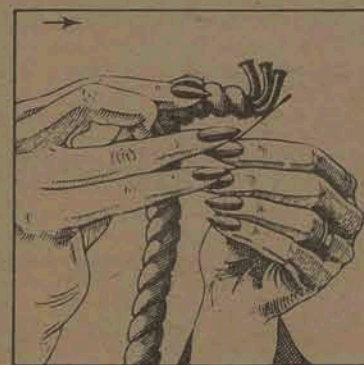
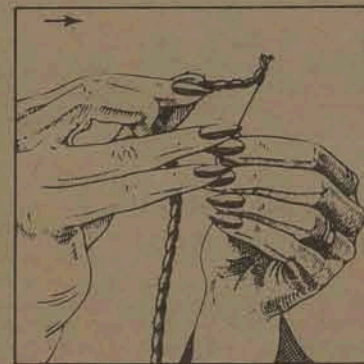
Depois da morte de Luiz Barcelos, o então Pai-Herói mudou de nome. Agora é Lar Nossa Senhora de Fátima e a está sob orientação da mãe Jandira esposa do Pai-Herói e atual vice-presidente. O número de abandonados vem crescendo a cada dia e a renda mensal é de 50 mil cruzados. Como diz o presidente Luiz Barcelos Filho, a prioridade é o término da construção iniciada há um ano, resultado de doações.

Enquanto a nova não fica pronta, as crianças vivem nos fundos do quintal, numa espécie de porão. Os vidros estão quebrados e no ambiente tudo se confunde com os poucos brinquedos espalhados pelo chão. A cena é esta: Na cozinha um esgoto

aberto com moscas por toda parte. O fogão a lenha serve como diversão para os menores que queimavam papel na chama ardente. Outros divertiam-se com o cano que inunda a cozinha. Pés descalços, choro, briga. Uma menina surda-muda aponta para o armário. Só há pão velho.

Marcelo é excepcional, tem cinco anos e aparenta ter um. Sua vida se resume num berço de grades frias. Tratamento? Não existe. Um médico atende as crianças de vez em quando, mas lamenta Barcelos Filho explicando: "Não há dinheiro para remédio, fica assim mesmo". "Além do mais eu sou um cara orgulhoso, não gosto de ficar pedindo".

Dona Jandira não quer se separar das crianças. Admite que algumas não possuem nem certidão de nascimento, mas para ela isso não é empecilho, pois "as mães deixam os filhos e vão embora para nunca mais voltar". Ela confessa que tem condições para criar as 59 crianças: "Eles estão até no grupo escolar". Duas voluntárias ajudam no lar, sendo uma delas nora de Dona Jandira. Nos últimos dias foram contratados dois funcionários que receberão salários fixos como pedreiros que trabalham na construção recebendo nove mil cruzados devidamente descontados da renda mensal do Pai-Herói.



Fortaleza da Lagoa: a garra de um povo

Mara Arruda

Uma laje de pedra e o canal da Lagoa da Conceição separaram a Vila de Fortaleza do movimento da Barra. Essas características permitem ao vilarejo conservar seus traços primitivos na geografia e no relacionamento humano. O lugar comum das pessoas é o Bar do Landinho, que funciona como sede do time de futebol, salão de bailes, ponto de encontro para uma partida de sinuca e troca de idéia entre as pessoas.

"Eu não dou entrevista, não adianta para nada. O pessoal vem aqui, arranja o deles e não melhora nada para nós", declara Orlando, 45 anos, dono do Bar. É o único ponto comercial depois do lajão de pedra. A causa maior da descrença de Landinho são as promessas políticas e as obras eleitoreiras. Entre estas, a que mais irrita o homem é a balsa, lembrança da campanha de Amin para governador. A comunidade queria uma ponte mas o que veio foi a balsa e uma estrada de barro sem revestimento. Há seis meses a balsa está parada e sem ela a opção que resta ao comerciante é atravessar as mercadorias de barco e levá-las em um carrinho de mão quinhentos metros acima do canal. "Não adianta ficar esperando deles, o negócio é a gente se ajudar", conclui Landinho, dorso de pescador

Esquecidos pelos políticos, eles sabem da realidade

tatuado com coração e a inscrição "amor de mãe".

A lembrança dos bons tempos, quando as águas eram limpas e o peixe era farto, mantém-se viva mesmo entre os mais jovens. Adnir Ramos 25 anos, estudante de biblioteconomia na UDESC lembra que a pesca era feita com rede de arrasto, facho de bambu, forca para pegar siri e rede de camarão no rio. Com o tempo, continua ele, foram aparecendo novas armas de pesca, o pescador amador começou a explorar a Lagoa, usar o liquinho. Depois o cilibrim — farol de milha a bateria — e a bernaça — arma para pegar camarão e peixe. Adnir acusa o cilibrim de ser a causa principal da diminuição de vida marítima pois, através de irradiação mata as larvas do peixe, camarão e siri que entram para a Lagoa. Uma legislação que está sendo criada pela SUDEP não proíbe a pesca de bernaça porque alguns moradores da Costa da Lagoa dizem viver dela. A comunidade, em reunião com órgãos ligados a pesca, propôs a criação de lagoas experimentais na Barra para criar emprego para esses pescadores. A proposta foi ignorada,

simplesmente mudaram de assunto.

Fortaleza é um lugar pequeno, todos se conhecem e as máscaras rodam fácil.

Eles sabem que a balsa e a estrada precária vieram pela força política de seu novo vizinho, Marcos Rovares, secretário de obras da prefeitura de Amin. Na época, ele e o Presidente da Associação Comunitária da Barra da Lagoa, José Laurindo de Souza, estavam construindo suas casas e precisavam transportar o material. O descaso com os problemas da pesca também não passam despercebidos. O Prefeito Andrino joga aberto, disse durante uma reunião que não considerava a balsa e a estrada importante. Mais significativo para os valores deles é o prefeito passar de barco por ali e fazer que não conhece o pessoal.

Quem explica esse comportamento é "Bubuca", cabo eleitoral do PMDB e funcionário da Secretaria de Educação: "Ah! Não. Ele não gosta mesmo do pessoal da Barra, eles elegeram o PDS".

Indiferentes à realidade política, que marginaliza o local, eles fazem sua hora plantando o feijão, o amendoim, a mandioca, fazem suas pequenas criações e pescam. Seu Darso, um membro desse povo, comentava no último dia 20 no Bar do Landinho: "Ouviram o discurso do Brizola? Este cara pode ser comunista mas diz o que é".



Sem água nada desceu

Moscas, mau cheiro e banheiros fechados pela falta de água

Carlos Augusto Locatelli

Um dia e meio sem água no Centro de Comunicação e Expressão. As moscas rodando o Bar do Básico, os banheiros fedendo, todos morrendo de sede. Trinta e seis horas depois do cano que abastece o edifício ser quebrado por uma escavadeira, nenhuma providência havia sido tomada. Na Prefeitura Universitária ninguém sabia do fato. Diziam que a obra era da Etusc. Lá, a culpada era a empreiteira.

A morosidade dos serviços da Universidade todos conhecem. Mas paciência tem limite. Difícil foi encontrar os responsáveis pela obra, só depois de muito "não-é-de-nossa-competência" chegou-se a Etusc. "Contratamos uma empreiteira para trocar a rede de alta tensão da Universidade, e eles não comunicaram qualquer irregularidade", alegou o engenheiro Paulo Pinto da Luz.

A falta de planejamento e acompanhamento por parte da Etusc quase provou uma tragédia. Um cabo de alta tensão foi desenterrado por uma retroescavadeira, provocando um princípio de incêndio atrás da Reitoria. Por pouco não ocorreu a morte do operador.

"Bar higiênico, como? Estamos carregando água em baldes para lavar os copos, enquanto isso ninguém conserta um caninho quebrado?", protestou indignado o proprietário do Bar do Básico, Danilo Souza Neves. Casos como esse são comuns no dia-a-dia da burocracia universitária. Tudo se resolve amanhã. Pedidos de pequenos consertos ou de equipamentos para os cursos esbarram sempre no jogo de empurrar-empurrar de responsabilidades, que chega até os altos cargos da Reitoria.

"Esse sistema de especialização é no mínimo estranho. Um quebra o cano, outro avisa, um terceiro conserta", disse Regina Pacheco, Vice-diretora do CCE. Finalmente, orientado pela reportagem do ZERO, um funcionário da Prefeitura Universitária simplificou tudo e levou um encanador ao local. Mas, enquanto a água não chegava, a estudante Vanderléia Pietrovski parou diante da porta fechada de um banheiro, sorriu amarelo e exclamou: "Vou ter que fazer xixi em casa".

Viração consegue segurar o DCE

Carlos Eduardo Caé

A chapa Viração venceu a eleição para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), da UFSC. Seis mil e 100 alunos votaram neste que foi o pleito com a maior participação, da história da entidade. Esta é também a primeira vez que uma chapa de situação vence a eleição do DCE, desde 1979. Para a estudante de medicina, Rejane Gomes — eleita presidente do DCE — a vitória de sua chapa "foi fruto do ótimo trabalho realizado pela gestão atual".

O índice de participação chegou aos 50 por cento. "se considerarmos apenas os alunos que não estão com sua matrícula trancada" diz Luis Costa, presidente do DCE em 1987. Viração fez 2511 votos, 660 a mais que a segunda colocada, a chapa "Reconstrução". Nas 12 urnas existentes, Viração venceu em sete, Reconstrução em três e as chapas AZ e Paidéia em apenas uma, cada.

As surpresas da eleição ficaram por conta das vitórias da AZ no curso de Letras e da Paidéia no Centro de Humanas — aqui se esperava a vitória da Reconstrução. A menor diferença entre chapas aconteceu no CTC (tecnológico), onde chapa de Rejane Gomes venceu por apenas 43 votos de vantagem, "nós esperávamos perder nesta urna" diz Rejane "pois este é o centro do presidente da Reconstrução, e foi aqui que eles jogaram o maior peso na campanha". A maior diferença, 486 votos —



Seis mil votos

a favor da Viração — foi justamente no centro onde estuda Rejane Gomes, o Centro de Saúde.

A nova diretoria do DCE, que já tomou posse, terá, segundo sua presidente, como principais metas a construção da moradia estudantil, a estatuinte universitária — que deverá elaborar um novo estatuto para a UFSC — e a melhoria da qualidade de ensino. "Nós esperamos contar com a colaboração de todos os estu-

dantes da UFSC" diz Rejane, "independente de suas posições políticas", concluiu.

No jornalismo

Este foi o primeiro ano em que o curso de jornalismo teve uma urna própria nas eleições do DCE. O total de votos foi de 79, o que representa 65 por cento dos alunos que frequentam o curso. Nesta urna a vitória coube também a chapa Viração, por 43 votos, contra 19 dados a chapa Reconstrução. "Tentaram fazer uma campanha de calúnias no curso contra o DCE e a Viração" diz Marta Teixeira — estudante de Jornalismo e nova diretora de imprensa do DCE —, "mas eles agora ouviram a resposta das urnas", concluiu ela.

Não é preciso ser jornalista para se fazer um jornal de entidade, mesmo numa universidade onde existe um curso de jornalismo. Esta é a opinião de Rosângela Bion, diretora do CA de Jornalismo, e leitora da chapa Reconstrução. Para ela não tinha nenhuma importância o fato de sua chapa ter indicado um aluno de engenharia para a diretoria de imprensa. "O que importa é a proposta" diz ela que admite porém "não ter conhecido bem a proposta da Reconstrução".

Quem não concorda com ela é sua colega do curso, Ana Cristina Lavrati, eleitora da Viração. Para ela "é um contracenno alguém defender o diploma de jornalismo e depois votar numa chapa que não coloca um aluno de Jornalismo na Imprensa", diz Ana Cristina. Mas ela adverte que este não foi o único motivo que a levou a votar na Viração, "eu gostei da proposta que eles apresentaram no seu jornal de campanha", conclui ela.

Israel revive nazismo: agride civis nas ruas

Interrogatórios, revista e prisão na vida do árabe

Ismail Ahmad Ismail

Você pretende visitar Israel e é de origem árabe, prepare-se: a barra é pesada. Pouco antes de o avião pousar, recebe-se um visto de entrada no qual você deve preencher com seus dados pessoais, endereço, tempo de permanência e cidade que pretende permanecer em Israel. Não é difícil de entrar neste País, pelo contrário, é até fácil — muito mais fácil de entrar que no Brasil, por exemplo, onde às vezes se espera três meses por um visto de entrada. O problema começa no aeroporto.

Os árabes são levados para uma sala separada onde serão interrogados por um longo tempo sobre o que pretendem fazer ali, se estão levando alguma encomenda para alguém e outras coisas do gênero. E é bom você

manter a calma, senão será importunado ainda mais. Toda sua bagagem passará por uma minuciosa revista, principalmente aparelhos eletrônicos, brinquedos, máquinas fotográficas, etc... Depois de toda esta chateação, que dura de 2 a 3 horas, passa-se ainda pela alfândega. A esta sim são submetidas todas as pessoas que entram em Israel ou em qualquer outro País do mundo.

Agora você está entro de um dos países mais racistas do mundo. Aqui o povo árabe — cuja população estima-se ser sete vezes maior que a judia — sofre toda a sorte de discriminação. Os árabes são parados a todo momento na rua — principalmente os jovens —, submetidos a um pequeno interrogatório e têm seus documentos checados. Caso não os tenham consigo, poderão ser presos ou mesmo apanhar em plena rua.

Outra forma de repressão muito comum, é o interrogatório coletivo. Esta forma é muito usada quando algum judeu é

morto ou ferido por um árabe. Nestas ocasiões, reúne-se todas as pessoas que estavam próximas ao local do crime, levam-nas para um pátio aberto — normalmente uma quadra de escola —, recolhem todos os documentos e procurarão saber onde estava cada pessoa naquele dia. Todo este pessoal é controlado por soldados fortemente armados. Estes interrogatórios às vezes duram mais de 10 horas, e o melhor que se tem a fazer é ficar quieto. Pois, sempre existe alguém que se revolta com a situação e então é chutado, socado, humilhado e tem uma metralhadora apontada para sua boca até ficar quieto. Tudo isto serve de "exemplo" para os demais. Várias vezes vê-se as lágrimas teimarem em escorrer pelos olhos dos parentes e amigos do cidadão agredido. Nestas horas, de nada adiantará seu documento estrangeiro, pois ele estará em posse do exército de Israel.

SAÍDA

Quando você for marcar sua passagem de volta, poderá ficar espantado ao ser informado que deve estar no aeroporto pelo

menos três horas antes do embarque. Só que é isso mesmo, este tempo pode vir a ser pouco.

Logo que chegam ao aeroporto, os árabes devem passar por uma espécie de posto do exército logo na entrada. Depois de uma minuciosa revista de suas bagagem — onde pode ser violada sua correspondência pessoal, velados ou mesmo confiscados seus negativos de filmes —, de todo seu corpo e de passar por um interrogatório, são encaminhados à alfândega. Novamente toda sua bagagem será revista chegando a requintes de, por exemplo, um inocente tabuleiro de xadrez, ser levado para passar pelo detector de material explosivo. Ali você responderá outro interrogatório sobre o que fez em Israel. Então será liberado. Mas se pensa que seus problemas acabaram, engana-se profundamente.

Poucos minutos antes do embarque outra revista será feita. Desta vez de sua bagagem de mão. E aquele presentinho que você comprou com tanto carinho para sua mãe ou namorada — que passou ileso pelas revistas



anteriores — será aberto. Que pena, o pacote era tão bonito. Agora só lhe resta curtir a volta com a certeza de que não será mais incomodado. A menos que você esteja viajando com Laissez-Passer ou Passaporte concedidos aos árabes pelos israelenses. Seus problemas se repetirão em qualquer outro aeroporto do mundo.

Só não se surpreenda quando chegar em casa e boa parte do que você trouxe estiver quebrada. Afinal, você não teve tempo de arrumar a bagagem com o mesmo esmero que arrumou a primeira vez, antes de tantas revistas.

Uma maneira barata de fazer turismo

Mário Vaz

No início do século 20 quando o turismo ainda era uma atividade pouco difundida e para uma minoria, surgiu na Alemanha em 1909, o primeiro albergue para a juventude. Sua finalidade era despertar no jovem o hábito de viajar. E em pouco tempo a Europa se viu tomada por essa nova mania de fazer turismo barato, cultural e integrativo.

Localizados sempre em lugares de atração turística, os Albergues da Juventude são hospedagens de baixo custo para jovens de bom nível cultural e que queiram conhecer novas pessoas.

Em países desenvolvidos, como os da Europa, os Ministérios da Juventude tem como principal função incentivar a criação dos Albergues da Juventude. Muitos desses albergues são encontrados juntos a hotéis luxuosos ou, também, em castelos medievais, mas nem por isso suas diárias deixam de ser baixas (entre 2 a 5 dólares).

No Brasil, os Albergues da Juventude somente surgiram em 1985 nos estados de São Paulo e Santa Catarina. Porém, com a campanha realizada pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) em 1986, os albergues alcançaram todo o país, e hoje são quase 100 hospedagens.

Em Santa Catarina os albergues são encontrados em Florianópolis, Blumenau e Porto Belo. Em Florianópolis são cinco, sendo que dois permanentes (cidade com maior número de Albergues do Brasil). "Temos atualmente 1.000 sócios, mas esperamos que com a campanha da EMBRATUR este número triplique em pouco tempo", disse Carlos Sandrini, presidente da Associação Catarinense dos Albergues da Juventude.

São 60 milhões de sócios-aventureiros espalhados por todo planeta, do Sri-Lanka ao Japão, dos EUA à Birmânia. Se você procura conhecimentos, novas amizades, aventuras inesquecíveis, encontrará facilmente, ou em uma praia deserta do litoral brasileiro ou então num castelo medieval encravado em qualquer floresta européia.



Para se associar basta levar duas fotos 3x4 e um xerox da carteira de identidade, e se dirigir a Associação Catarinense de Albergues da Juventude, na Alameda Adolfo Konder, 25 (cabecreira da ilha — ponte Hercílio Luz).

Na UFSC os alunos podem se associar no DCE, que possui um posto permanente.

A carteira nacional custa 1 OTN (Cz\$ 460,00), enquanto a carteira internacional custa 2 OTNs (Cz\$ 920,00). Ambas têm validade de 1 ano.

Barreiros comemora trinta anos e quer sua emancipação

Luciano Farias

Fundado em 1957, Barreiros comemora esse ano seu trigésimo aniversário com a possibilidade de se tornar um dos mais importantes municípios de Santa Catarina. Seus moradores, cansados de esperar pela ajuda do prefeito de São José, Germano Vieira, decidiram apelar para o caminho da independência e a iniciaram há mais de dois anos um movimento pela emancipação do distrito. No entanto, como as chances de realização de eleições gerais no próximo ano são cada vez maiores, só agora as articulações dos políticos locais começaram a ganhar força.

Desde o início de novembro, uma série de encontros com a comunidade vêm sendo patrocinados para discutir o desligamento do distrito de sua sede, o município de São José. Mas hoje o movimento pró-emancipação de Barreiros já não depende mais de reuniões.

Barreiros possui hoje todas as condições para sua emancipação. Conta com uma população de 65 mil pessoas, o que corresponde a 35% da população total de São José, bate com facilidade a exigência mínima legal de 10 mil habitantes para o seu desligamento. Arrecada 37% do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) total do município. Possui um núcleo urbano com 22.200 unidades habitacionais, quando seriam necessárias somente 200. Conta com 22.753 eleitores, o que equivale a 30% da população, enquanto 10% seriam suficientes. E distrito há mais de 4 anos e obedece à distância

superior de cinco quilômetros da sede do município.

Segundo Cloacir Brum, presidente da Associação de Moradores do Bairro Bela Vista e um dos articuladores do movimento pró-emancipação, Barreiros é responsável hoje por 50% da arrecadação total do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) de São José. "Pagamos 200 milhões de cruzados ao Prefeito e ele nos devolve menos de 11 milhões", desabafa Cloacir. Para ele, a comunidade cansou de ser enganada e por isso está pronta para dizer sim no plebiscito que vai decidir sobre a emancipação.

Prefeituráveis

Se tudo correr bem, o processo contendo toda a documentação necessária para o desligamento do distrito deverá estar no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) até o dia 15 de maio de 88. Depois disso, é só esperar pelas eleições de 15 de novembro, para as quais já existem alguns "prefeituráveis".

Professora da Escola Básica Municipal Américo Vespúcio Pratês e funcionária da prefeitura há 18 anos, a vice-prefeita de São José, Marli Marçal — ao contrário das intenções de Germano — vem no momento liderando as preferências do eleitorado. Marli é do PDS. Germano é do PFL. Marli quer a emancipação. Germano não assume, mas é contra. "Ele vai perder sua grande fonte de arrecadação", afirma eufórico Cloacir, da Associação de Moradores da Bela Vista. Ele também é um "prefeiturável" embora não assumirá, deve concorrer pelo PMDB.

SEM ILUSÕES

O que se pode esperar de eleições em uma universidade? No mínimo organização e uma disputa honesta, onde as postas venham ao encontro dos interesses de quem convive neste ambiente. Nessa recente eleição na UFSC, o que se viu foi exatamente o contrário. Houve desonestidade, leilão de cargos, vandalismo, e pouca vergonha na cara por parte de alguns. Onde é que ficam as reais metas de qualquer instituição de ensino superior?

Ensino, pesquisa e extensão acabam esquecidos, jogados num canto qualquer. Alunos são feitos de palhaços. Servidores são usados como fantoches. A Universidade se transformou num trampolim político. Tem gente aqui cuja única preocupação é se manter no poder.

Afinal, os fatos falam por si, e eles estão aí pra qualquer um comprovar.

FOTO: CARLOS A. LOCATELLI/ZERO



Blass e Bruno, pra onde fica a Reitoria?

Ensino público e gratuito, moradia estudantil, administração democrática e aberta, incentivo à pesquisa e extensão, melhor qualidade de ensino e competência. Estes são alguns sonhos que dificilmente a Comunidade Universitária verá concretizados com a vitória de Bruno Schlemper. "O Bruno não prometeu nada, diz que vai ver o que é possível fazer", afirmou a funcionária Carla Buchele, que no dia da eleição fazia campanha vestindo a camiseta que ganhou de seu candidato. Esta afirmação, vinda da categoria que praticamente elegeu Schlemper, faz com que a possibilidade de uma gestão inoperante seja muito maior.

Bruno ganhou, com cerca de quatro mil votos, mas Arno Bollmann foi o preferido: sua votação chegou a quase cinco mil. Isso aconteceu porque o voto era paritário. Para o advogado Paulo Ribeiro Ferreira, "a paridade

é uma forma de controle da administração". E profetiza: "com a vitória de Bruno, dificilmente um candidato da oposição terá condições de se eleger, pois o empreguismo sempre definirá as eleições". O próprio reitor Rodolfo Pinto da Luz acha que "o voto paritário pode ser reavaliado". Mas ele tratou de não espalhar muito esta sua opinião. Era imprescindível que Bruno fosse eleito.

Currais Eleitorais

Enquanto persistir o voto paritário, a manipulação nas eleições continuará sendo feita abertamente. A Prefeitura do campus foi um caso sério.

— Truco!

— Seis! — Quero vê se tu é macho mesmo!

Esse era o clima: o local de trabalho virou uma sala de jogos. Também pudera, os servidores haviam sido dispensados das suas atividades costumeiras, desde que fizessem

campanha para o candidato da reitoria. Mas como a eleição já estava ganha mesmo...

A descontração na Prefeitura era tanto, que "no mínimo quatro pessoas votaram embriagadas", revelou Valdemar Pedreira, fiscal de um candidato da oposição. Com isso, houve o pedido de impugnação da urna, o que foi negado pela Comissão Eleitoral, sob a alegação de que não existiam motivos suficientes. Ou seja, pode votar bêbado.

Mas não ficou só nisso: correram listas paralelas, onde eram conferidos os votantes. "Quem ainda não havia votado recebia a visita de cabos eleitorais do candidato Bruno", declarou o estudante Loreci Rodrigues, para quem "este é um processo ilegítimo, e a Comissão Eleitoral sabia de tudo, mas fechou os olhos".

No Hospital Universitário formou-se um "corredor polonês".

Para votar, o eleitor tinha que passar por um esquadrão de camisetas do candidato Bruno Schlemper. E ao fundo, perto da urna, o Presidente da Asufsc, João Batista, dava as últimas coordenadas de como se deveria votar. A intenção era clara, e Airton dos Santos, funcionário do Centro Tecnológico confirma: "só estou pensando no meu futuro".

Afinal, pra que serve uma Universidade? Supõe-se que seja para formar profissionais competentes e incentivar a pesquisa e a extensão. No entanto, estes critérios ficaram em segundo plano, imperou um clientelismo barato, e o papo que se ouviu entre dois servidores na Imprensa Universitária é esclarecedor:

— Se o Bruno ganhar amanhã vai ser feriado, né?, disse um deles.

— E a partir de segunda o sanduíche é com mortadela, completou o outro.



FOTO: IVONEI FAZZIONI/ZERO

E o eleitor pensa que decidiu

Direção à direita

O controle dos votos dos servidores pelos líderes da ASUFSC foi fundamental. Afinal, em troca da vitória do Bruno eles receberiam uma ou mais pró-reitorias. O empenho da diretoria da ASUFSC na eleição foi tanto, que não houve sequer tempo para articulação da greve geral dos Servidores, pela isonomia, como está acontecendo em muitas Universidades Federais. O secretário da Associação, Nelsi Jesus da Costa, confirma: "Em

função do processo eleitoral estive-

mos desligados da greve que a FASU-BRA está articulando".

Até o momento do fechamento desta edição do Zero, havia apenas a convocação de uma assembleia geral, para o dia 25 de novembro, com indicativo de greve pelo "enquadramento-já". Contudo, a divulgação da assembleia não existiu. A direção da ASUFSC fica numa situação complicada quando diz ao servidor que se ele quer isonomia terá que fazer greve, pois, durante a campanha isso já estava garantido.

Socos e pontapés na apuração

Noite de apuração dos votos da eleição para reitor. De fora, a ala C do Restaurante Universitário parecia uma festa. Gritos de delírio, pessoas se esbarrando e uma fumaceira de dar inveja aos charutos de Al Capone. Mas lá dentro o clima era outro. Os seguranças estavam vestidos a rigor: usavam camisetas do sorridente candidato Bruno. Outros caminhavam tranquilos pela sala, apoiados em cacetetes de quase um metro. Mas isso não era suficiente para o Reitor em final de mandato.

— Fiquem atentos para o caso de alguma briga — disse, olhando fixamente para um dos seguranças. A preocupação de Rodolfo Pinto da Luz soou como uma ordem.

Terrorismo

Por volta das duas horas da manhã, momento em que a morosa apuração mal começava a engrenar, o fiscal do

candidato Arno Bollmann e aluno do curso de Arquitetura, Loreci Rodrigues, pede para ser substituído e começa a se retirar. A intenção de Loreci era ir para casa, tomar um banho rápido e voltar logo depois. No entanto, quando saía do restaurante, foi agarrado pelos cabelos, arrastado da sua bicicleta e chacoalhado feito um boneco. O nome do valentão: Joel Lamarque, assistente de portaria do Centro de Comunicação e Expressão. Rapidamente, Loreci foi cercado por um grupo de servidores enfurecidos.

— Filho da puta, filho da puta... Gritavam.

"Eu não reagi, porque o próprio Joel estava meio grogue, meio bêbado, e era clara a intenção de provocar um quebra-quebra para que fosse tumultuado o processo de apuração", explicou Loreci, que deu queixa no 5º DP, e entrou com um processo administrativo na Universidade.

Para Joel Lamarque, "a agressão foi mútua. Eles me agrediram durante todo o dia da eleição, chamando de capacho da reitoria. Então, eles me agrediram e eu agredi também, pronto". Coincidentemente, o Reitor Rodolfo Pinto da Luz, pensa da mesma maneira: "ambas as partes se excederam. A candidatura Bollmann denunciou mentiras durante toda a campanha, o que deixou os servidores muito irritados", explicou. Uma bela justificativa para o clima de guerra que se criou, especialmente na apuração.

Mas para Loreci, o buraco é mais em baixo. "Infelizmente, a categoria dos Servidores foi cooptada, por culpa direta da direção a Asufsc que deformou a história. Não só é falsa essa dicotomia criada entre alunos e servidores, que culminou nesse clima de guerra, como também profundamente maléfica. Agora os servidores vão entrar em greve e, certamente, muitos

alunos não vão apoiar o movimento. Quem vai ter que responder por isso é a direção da Associação dos Servidores".

E você Loreci, acha que esse impasse pode ser resolvido?

O estudante de Arquitetura coça a barba pensativo, e responde:

— Eu confio no bom-senso dos estudantes. Sobretudo é preciso acabar com esta pseudo-visão de que os estudantes, por serem maioria, vão ditar regras para a Universidade em prejuízo de alguém. Nós só queremos que a Universidade cumpra com o seu dever: formar, e formar bem.

E o fato é que, independente do resultado, a situação teve que falar em mudanças para conseguir ser vitoriosa nas últimas eleições, e agora não poderá dar as costas às reivindicações dos estudantes. Cerca de oito mil alunos votaram e vão cobrar o que foi prometido.

22 horas. Parecia uma marcha fúnebre, mas na verdade eram os presidentes de urnas chegando com os votos. Eles vinham cercados pelos mesários e vigiados por quatro fiscais atentos. Algumas urnas já vêm com o pedido de impugnação sob encomenda. De qualquer forma, a Comissão Eleitoral é que decidirá tudo.

A segurança do Campus está preparada para uma batalha. Os guardas usam cacetetes e têm rádios para contatos. Chegam também as torcidas de cada candidato. Logo percebe-se o clima em que se dará a apuração. Entram três cabos eleitorais que têm tudo para ser leões de chácara de uma "boca quente". Bastante musculosos, andam em grupo e vestem camisetas do candidato da situação.

Na primeira etapa serão conferidos o número de votos em cada urna com o número de votantes, ao mesmo tem-

po que a comissão julgará todos os casos pendentes. Lacerda intercala falas ao microfone com instruções aos membros da Comissão. E a desorganização aumenta: o microfone aberto capta suas palavras. "A caixa ali, tudo o que sobrar põe em cima da caixa...", dizia ao atrapalhado colega, o representante do Conselho de Curadores.

Pegam finalmente a primeira urna. A platéia aplaude — todos são unânimes: a apuração está demorada. "O selo está intacto", diz, solenemente, o presidente. "Você poderia ler, eu peguei uma gripe...", Lacerda pede ao Presidente da APUFSC, de novo em "off". Luiz Verani lê a extensa ata da primeira urna. O processo é demorado. Depois de muito tempo, chegam a um consenso: a urna está em ordem. Outro consenso: as mesas deverão fazer a contagem dos votos. "Não vai ser fe-i-ta a a-pu-ra-ção dos

vo-tos, só a con-ta-gem", conclama o sonolento Lacerda.

Nas próximas urnas o primeiro caso a ser resolvido pela Comissão Eleitoral: Elvis Leandro, votou ou não? Depois de algum tempo, a decisão: Elvis Leandro não votou! Foram duas horas para se concluir isso!

Finalmente a verificação deslança. O reitor vem pra acompanhar, o vice-reitor também. O R.U. não é muito familiar para eles. O clima começa a ficar pesado com as provocações.

Mais ou menos três da madrugada ocorre uma briga (veja box).

Um pouco mais tarde o Presidente da Comissão Eleitoral tem que ser atendido rapidamente pelo médico. Todos pensam que é um ataque cardíaco. O Reitor é chamado e conversa reservadamente com ele. Depois de algum tempo, Lacerda retorna à mesa, mas fica apenas observando e aten-

dendo os casos mais graves. Seu problema era sono mesmo.

O clima tenso gera preocupação com a segurança. Todos procuram saber qual é o esquema montado. O chefe da segurança, que não gosta de dizer seu nome, diz que "são cinquenta homens à disposição". A segurança gera insegurança.

A urna da Prefeitura é muito importante para todos. Há um processo de impugnação, que será votado pela Comissão. João Batista, presidente da ASUFSC comenta com o Reitor: "Se impugnarem aquela urna, temos que anular a eleição".

No início da manhã começa a contagem dos votos. Antes do meio-dia acaba. Bruno é o vencedor. Para a candidatura Bollmann uma consolidação: no último lote de votos, Bruno não conseguiu nenhum. De qualquer maneira, todos eles serão queimados.

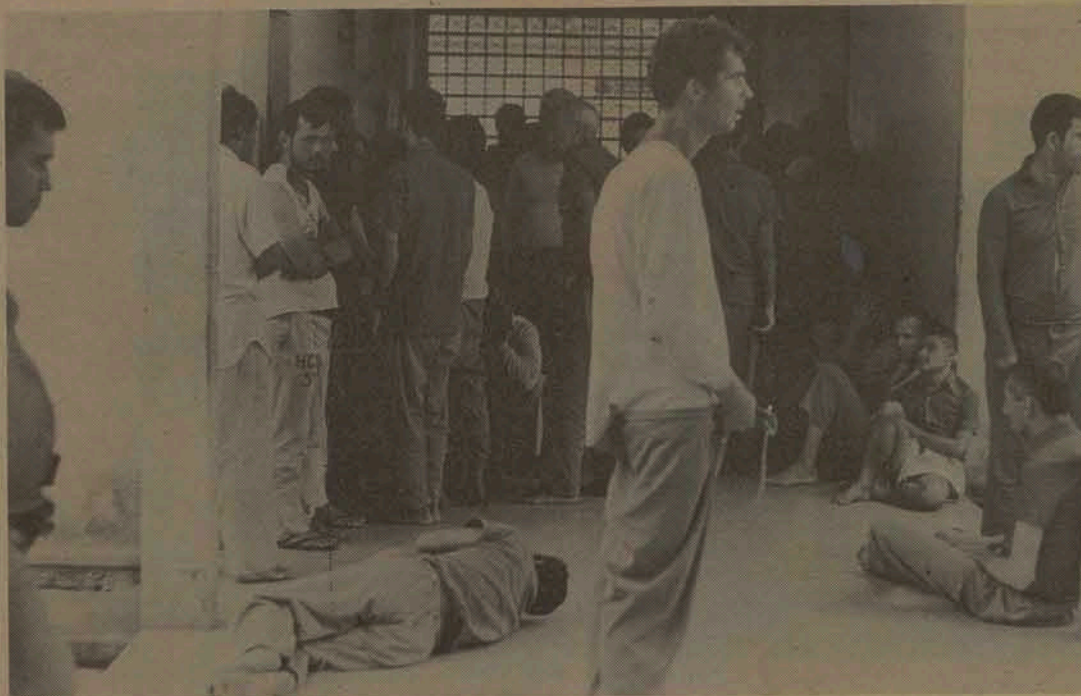
Louco ainda é pária: 1 médico para 50 internos

Cláudia Carvalho
e
Sabrina Franzoni

A Colônia Santana é a amnésia do Estado. Construída a 30 km da capital catarinense é o instrumento usado pelo governo para esconder e esquecer seus loucos. Esquecer foi fácil: as visitas são poucas, as verbas inexistentes e a situação atual do hospital é dramática e vergonhosa. O mais difícil é conseguir a eliminação dos 1.200 doentes que dirigem e coordenam a maioria das atividades internas, como o refeitório, a higiene e até mesmo a própria segurança.

Na entrada da ala masculina, um enorme portão de ferro e um homem que controla a entrada e saída dos pacientes. Aquele poderia ser um funcionário. Engano. Ele sorri com a boca sem dentes e pede: "moça, bate uma foto minha?". Lá dentro é tudo muito sombrio, quase nunca bate sol. As atividades recreativas só acontecem no Natal, Páscoa ou em ocasiões especiais. Para os mil e tantos doentes, há apenas dois estagiários que tentam desenvolver a parte de esporte dentro do hospital.

A falta de funcionários é apenas mais um dos problemas que a Colônia Santana enfrenta. Cada médico tem mais de 50 pacientes e cada assistente social atende no mínimo duas enfermarias. Para a assistente social, Maria Cirene Cordioli, o ideal seria manter um vínculo maior com o doente, conhecer sua casa,



Pacientes não tem ocupação

FOTO: SABRINA FRANZONI/ZERO

mo se processa a internação do paciente ele deseja ou não sair do hospital. Mas a grande maioria demonstra claramente o desespero e a vontade de poder ver novamente o mundo lá fora e para isso é importante a participação da família.

Na opinião do médico, a loucura é uma defesa frente a uma realidade que o indivíduo não consegue enfrentar. Para que o doente queira voltar a realidade é necessário desenvolver todo um trabalho com a família para que se possa oferecer ao paciente uma nova oportunidade, uma vida mais digna. Então a pergunta para Maria Cirene: se o importante é o acompanhamento individual dos doentes e o hospital não possui funcionários para esse tipo de trabalho, em que se baseia o tratamento da Colônia Santana? E a resposta:— O nosso tratamento é todo feito à base de medicamentos.

Mulheres

As mulheres da Colônia parecem ser mais carentes e muito vaidosas. Arrumando os cabelos e as roupas, esperam ansiosas atrás das "grades". Fazem poses, distribuem sorrisos e a cada disparo do flash é uma grande festa. A teoria do Dr. Marco, de que a partir do momento que a pessoa enlouquece, a angústia e a dor diminuem ali estava presente. Elas pareciam felizes, pelo menos naquele momento estavam felizes. As enfermarias do hospital são muito geladas e com gritos frequentes. Alguns corpos nus estirados no chão e nas camas de lençóis amarelados. Psicólogos, médicos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e estagiários não se encontram no local. Talvez estivessem de folga. Mas em plena quinta-feira?

A noite ia chegando e a visita acabava por ali. Atrás das grades, mãos e rostos pedindo mais carinho e um pouco de atenção. Antes dos portões se fecharem, um último pedido: "Dona, posso ir com você?".

Estado abandona os doentes da Colônia

sua família, seus problemas. Mas isso se torna impossível pelo número de pessoas que cresce a cada dia.

Família

Vestidos com roupas sujas e úmidas, os corpos ficam espalhados pelo corredor, atrapalhando a passagem.

A assistente social se livra das mãos que querem tocá-la e lamenta que aquela situação não possa ser alterada. "Não temos funcionários suficientes para fazer atividades com eles". Na saída dessa ala, o pedido para mais uma foto e um elogio "volta sempre tá moça bonita". É o Seu

Pedrinho que está lá há quase 40 anos. Abandonado pela família e pelos amigos, transformou a Colônia em sua própria casa. E assim foi com muitos outros. O diretor médico do hospital, Marco Antônio Rocha, explica que dependendo do modo co-

APAE luta pelo direito à vida

Os excepcionais só precisam ser compreendidos

A Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) é a única entidade catarinense preocupada em desenvolver um trabalho junto à comunidade, para acabar com o preconceito de que o deficiente mental é um débil mental. A escola funciona há 24 anos, atendendo cerca de 200 pessoas, executando exercícios de reabilitação, prevenção e acompanhamento familiar.

Segundo a cordenadora da Associação, Ligia Volkmann, "o objetivo da APAE não é a alfabetização e sim a preparação profissional". Mas as portas do mercado de trabalho estão fechadas para os deficientes e apenas alguns deles conseguem ultrapassar essa barreira.

Somente quatro alunos da Associação estão trabalhando como office-boy ao lado de assistentes sociais. Para a preparação, a APAE conta com uma equipe técnica constituída de psicólogos, médicos, professores e auxiliares que encaminham os alunos para atividades práticas, como o trabalho na horta e nas oficinas.

Atualmente, a maior preocupação da APAE está sendo com a prevenção e desmistificação da doença. Por isso, ela está promovendo um ciclo de palestras no interior da Ilha, com

os objetivos de deixar claro o quanto a rejeição atrapalha no processo de desenvolvimento do excepcional e fazer a conscientização para que a população passe a exigir o teste do pézinho nas maternidades.

O trabalho da Associação é essencialmente voltado para a família e a comunidade. A escola não aceita a permanência de deficientes desamparados. Um exemplo disso é Samuel, de um ano e oito meses. Ele é portador da Síndrome de Down (Mongolismo) e não possui o direito de frequentar a APAE. Rejeitado pelos pais, Samuel mora na SERTE e não recebe o carinho e a atenção que devem ser dispensados a uma criança excepcional. Esse é um problema que vem sendo discutido há muito tempo. E mesmo com a criação da Feira da Esperança, que proporcionou à APAE grande progresso e desenvolvimento, ele não ficou resolvido.

Aceitação

"Quando eu soube que ele era doentinho nem senti vontade de olhar para ele, eu tinha medo...". Essa foi a reação da Dona Estela Maris Marques, que aos 42 anos, depois de uma gravidez normal, recebeu a notícia que o filho Rodrigo, havia nascido

com a Síndrome de Down. Só depois de dois meses, quando o garoto entrou para a Fundação de Educação Especial, é que a mãe recebeu orientação e pôde ter um contato maior com ele.

Rodrigo tem hoje cinco anos, brinca de bola, quebra-cabeças e adora cantar e dançar. Desde pequeno frequentava a Fundação onde faz fisioterapia, exercício da linguagem e mais uma série de programas. Dona Estela conta que no início sua maior preocupação era com o que as pessoas poderiam pensar, mas com o tempo isso foi se modificando e hoje ela vê Rodrigo "como um garoto normal e até muito levado".

— Eu queria saber como eles podiam afirmar que o meu filho não era normal. Eles falavam que era por causa da orelhinha pequena e eu dizia que tinha um filho com orelhinha pequena também. Eles me falavam que ele tinha os olhinhos puxadinhos e eu dizia que tinha outro filho que parecia um japonês...

Para o futuro, a mãe espera que uma das três filhas possa cuidar do irmão, mas na falta da família ela deseja que Rodrigo fique na Fundação até a velhice, "pois parece que estão

construindo um asilo para os excepcionais".

Dedicação

Ao som alto do "Pega, estica e puxa", Fabiana, de 10 anos, corre pela sala com um microfone sem fio e imita sua cantora preferida: a Xuxa. Os olhinhos puxados, as orelhas pequeninas e os gestos diferentes comprovam a suspeita: ela é portadora da Síndrome de Down e possui a mentalidade de uma criança de seis anos de idade. Fafá estuda na escola particular Vida e Movimento, faz natação, balé e está se preparando para entrar na escola de educação musical.

A mãe, Eda Brito, conta orgulhosa o bom desenvolvimento da filha que está na fase de pré-alfabetização, já junta sílabas e lê suas primeiras palavras.

O grande desejo de Eda é que a filha possa um dia se alfabetizar, mas se isso não acontecer, "quem sabe ela pode aprender a fazer crochê ou embrulhar pacotes em alguma loja". Para a família, Fafá é uma criança normal que apenas possui algumas limitações e vem alcançando muito progresso nos últimos anos. O segredo do sucesso? Somente carinho, cuidado e dedicação.



FOTO: JOACHIM SCHMITZ/ZERO

Rejeitado, Samuel mora na SERTE

Prostituição na praça

Marques Casara

O prazer de quem mora em Florianópolis está sofisticado e deprimente: agora são as crianças que fazem parte do submundo sexual e que tem como endereço a praça XV de Novembro. Ali, dá de tudo, mas a novidade é o uso de crianças na prática sexual. Eles vem a pé ou em carros luxuosos: O homem aproxima-se, conversa um pouco e logo se afastam. Tã um caso de pedofilia.

Paulinho tem 14 anos e com 12 já cheirava cola e fumava maconha. Aos 13 já conhecia todo o "pessoal da praça", quando começou na prostituição. "Não tenho medo de sair com os caras, se pintar dinheiro eu vou", diz. Quando o cliente está a pé, o caminho é o Hotel Felipe, próximo ao Hotel Royal, no centro. Ali, o proprietário faz vistas grossas e deixa entrar, sem pensar nas crianças, que trazem os fregueses, garantindo o aluguel do quarto. A sobrevivência de

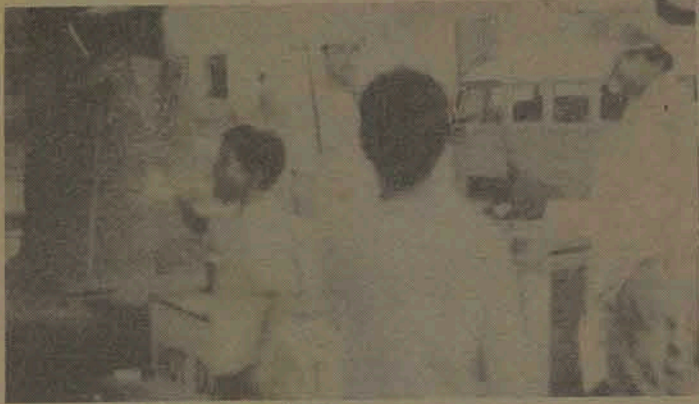


FOTO: MARQUES CASARA/ZERO

Paulinho e Adriano: profissão, sexo

Paulinho é assegurada com os 400 ou 500 cruzados que cobra por programa. Para ele, aparecem homens de todas as classes sociais, casados e solteiros, geralmente na faixa dos quarenta anos.

As preferências sexuais são variadas. "Eles preferem que a gente 'coma', se quiserem trocar, eu saio fora", disse o garoto. "É claro que ele não ia falar que

também faz o papel de passivo", comentou o homossexual Márcio, 35 anos, frequentador da praça principalmente nos finais de semana, que diz já ter observado casais chegarem de carro para apanhar as crianças: "Eu acho extremamente pavoroso. É inaceitável que existam pessoas como estas. Tudo bem, eu sou viado, mas minha mentalidade já está formada e dou porque gosto. Coitados desses pequenos

que são levados no papo". Adriano, 15 anos, companheiro de "baseado" de Paulinho também se prostitui na praça há um ano: "O meu, se o cara der grana, eu faço mesmo."

O ambiente é pesado, as pessoas se vigiam, procuram as sombras tentando esconder a personalidade deformada. Os travestis são os que passeiam livremente, transfigurados sob minissaias reduzidas e seios a mostra, estimulados a crescer com a aplicação de "Gestadinona". Um medicamento injetável que deveria ser comercializado somente com receita médica, mas são vendidos livremente nas farmácias. Rafael, 19 anos, travesti desde os 12, convive com os menores na praça. Comenta que não atrapalham. "O pessoal deles é outro".

Assistência Social

A Fucabem, Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor, que deveria se preocupar com a situação, parece não se preocupar com os garotos da praça, que quando comentam o assunto dizem num tom irônico: "de vez em quando vem as assistentes so-

ciais dar conselhos, a gente escuta e elas saem fora. Algumas vezes levam um ou outro, mas logo a gente se livra".

O taxista Roberto, que trabalha no ponto da Praça XV há cinco anos com seu Ford Del Rey se diz horrorizado com o que já viu em todo esse tempo: "Vi muita coisa feia. Uma vez um garoto de uns 13 anos, com os olhos tão vermelhos como se tivesse passado pimenta, desmaiou bem aqui perto de tanto cheirar cola. Achei que ele ia morrer quando começou a entrar em convulsão. Mas eles não aprendem, não adianta". Falou também das assistentes sociais: "Elas vem sim, mas durante o dia, dão uma olhada e logo a gurizada some. Deveriam vir a noite, de madrugada, quando acontecem as maiores barbaridades. Sempre tem uma rodinha fumando maconha, com muitos menores. A polícia passa com o camburão mas não pára e nem sequer dão uma olhada". Roberto disse que sempre aparece homens atrás dos garotos, que os levam sem ao menos dizer para onde.

Abortos matam 400 mil mulheres por ano



Ana Lavratti

Um dos mais delicados problemas enfrentados pela medicina e pela religião é o aborto. A Sociedade Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia afirma que são realizados mais de 3 milhões de abortos clandestinos por ano no Brasil, 1 milhão só em São Paulo. Com isso, mais de 400 mil mulheres morrem anualmente de hemorragia pós-abortiva, decorrente da intervenção realizada em condições inade-

quadas.

Em escala mundial há uma pressão crescente por mudanças nas leis do aborto. Enquanto o projeto de legalização do aborto não foi aprovado pela Comissão de Sistematização, ele já está legalizado na União Soviética, Japão, China, Polônia, Hungria, Bulgária, Estados Unidos e outros países. Os números demonstram que os índices de mortalidade em consequência de abortos legais são menores nos países que permitem esta prática. Cerca de 5 mortes entre

cada 100 mil abortos na Europa Ocidental e Japão, comparadas com 40 por 100 mil na Escandinávia.

O que pensam as mulheres sobre o aborto? Para a maioria não é apenas um problema médico, mas também moral, legal, sociológico e psiquiátrico, e que esta questão deve ser resolvida entre a mulher, seu médico e seu parceiro.

A religião

A opinião da Igreja Católica é que a prevenção da gravidez deve ser por métodos naturais, ou seja, a abstenção sexual durante o período fértil da mulher, porém, os médicos consideram este método muito falho. O rabino Henry Sobel diz que o judaísmo existe em defesa do princípio da vida, mas nem por isso condena de maneira absoluta o aborto. O pastor Hermann Wille, da Igreja Luterana menciona que sua religião não faz restrições a qualquer método anticoncepcional, exceto àqueles abortivos.

Para a Legal Abortion que atua na Europa, o aborto provocado é um dos meios mais importantes de controle de natalidade. Métodos primitivos e arriscados de intervenção têm sido postos em prática durante toda história humana. Os modernos métodos cirúrgicos fazem do aborto provocado uma operação segura quando convenientemente executada. No entanto, o fato de sua ilegalidade em tantos países significa que muitas mulheres correm perigo de danos irreparáveis e de morte.

Vasectomia traz liberdade sexual e dá virilidade

Daniel Paim

Decidir pela vasectomia não foi nada difícil para Gabriel, 30 anos, universitário e pai de um filho. Ele não se considera machista, mesmo com uma educação que não permitia que fosse defensor dos ideais feministas mais radicais.

A gestação e o nascimento do primeiro filho foram decisivos para ele. Adorou ser pai e é supercoruja com o garoto, mas não quer repetir a experiência que entendeu como "traumática". Em comum acordo com a companheira procurou um médico (urologista) para se informar sobre os riscos e as seqüelas de uma vasectomia. Saiu com certeza que a opção correta era essa: ficaria estéril, é claro, mas não perderia a potência e, de quebra, liberaria a cabeça do casal da pressão dos constantes "sustos" mensais.

Após dois anos ele afirma que não se arrependeu: "além de transar com muito mais liberdade, quanto à questão da potência, que chega a assustar, a gente conclui que é uma paranoia injustificada. Depois da cirurgia, não ter pressões funciona como um verdadeiro afrodisíaco".

Gabriel aponta como uma das vantagens o fato de sua companheira não precisar mais se reprimir, tomando "cuidado", assim como terem afastado os comprimidos anticoncepcionais.

66,8% preferem a pílula

Pesquisas realizadas em Florianópolis mostram que a frequência de atos sexuais entre as mulheres casadas é intensa. Não houve informação da ausência de relações sexuais por período superior a uma semana. Em média elas mantêm relações de três em três dias, sendo que 8,7% o fazem diariamente e 0,6% mais de uma vez ao dia.

Como a romântica monogamia e a abstinência sexual não são as práticas preferidas pela sociedade atual, as mulheres procuram prevenir-se. A estimativa é que 66,8% das mulheres controlam a natalidade — a maioria através de pílulas. A observação médica é que os anticoncepcionais orais não devem ser utilizados por pacientes hipertensas obesas e com mais de 35 anos. Não são indicados também para mulheres com cefaléia e fumantes, e sua utilização deve ser suspensa antes de uma cirurgia. A pílula pós-coital é utilizada apenas em situações especiais pois traz efeitos secundários. Já a pílula pós-ovulação é classificada como não eficaz e as pílulas semanais e mensais como irre-

gulares nos seus resultados.

Também são utilizados métodos naturais como a ejaculação externa, a tabela de Ogino-Knauss, ou seja, a abstinência sexual durante o período fértil da mulher, e o controle da temperatura. Segundo os médicos estes métodos elevam o número de gravidez indesejada e de abortos por serem falhos. O período de amamentação pode reduzir temporariamente a fecundidade e calcula-se que a esterilidade pós-parto dure até 13 meses.

Definitivas

A vasectomia, a salpingectomia e a ligueadura tubária foram classificadas como muito eficazes, com aceitação proporcional ao grau cultural do paciente, e são reversíveis embora com intenção definitiva. Estes métodos dão liberdade individual permanente em relação a futuras paternidades sem destruir o prazer sexual. Os sociólogos consideram que não há questão de natureza essencialmente ética na esterilização voluntária. As questões

levantadas em nome da ética dizem respeito mais diretamente a outros valores culturais.

A utilização de implantes, como o Dispositivo Intra Uterino — DIU, tem obtido bons resultados. A taxa de gravidez com a utilização deste método é inferior a 1%. Depois de inseridos, não exigem que sua portadora faça qualquer esforço anticoncepcional, porém podem ocorrer acidentes técnicos durante sua manipulação.

Há ainda outros métodos bastante utilizados como o diafragma, anel vaginal, análogos do LHRF e preservativos. Estes podem resultar efeitos colaterais e alguns casais apontam interferência desagradável no ato sexual. No caso da camisinha de vênus, os mais criativos dizem que é como "chupar picolé sem tirar o papel".

Ainda não é possível a utilização dos métodos de anticoncepção masculina temporária em alta escala. Eles são os hormônios e o Gossypol e podem causar impotência, diminuição da libido, fadiga e aumento do apetite.

Trilhas cheias de emoção

Carlos A. Locatelli

Senta aí, agora você vai conhecer a relação entre um piloto de enduro e sua moto. As emoções de uma prova solitária. A experiência da primeira vez é fascinante, com suas angústias, novidades e a felicidade de terminar a prova, ou por ter saído dela logo. Mas quem já fez mais de quinze enduros, quem já ficou com o corpo colado com a moto por mais de 200 horas só em competições, num clima muito íntimo, tem um comportamento diferente. Não que a angústia desapareceu, muito menos o medo, mas se transformaram. A angústia agora é vencer.

Agora magrão, senta na moto. Dê partida, cuide uma planilha, dois relógios, uma calculadora especial, o odômetro e a pedrinha aí da frente. Cuidado com a curva. Acelere, você está atrasado. Se errou, volte e pegue a trilha certa, tá indo bem, mas agora freie que a descida é perigosa. Ô, ô, ô, caiu. Tudo bem, levante a moto e desça o pau. O atraso agora é maior. Enduro é assim, vacilou, caiu. É comum no final da prova você não saber por onde passou, não lembrar de nenhum ponto de referência que não estivesse na planilha.

O enduro é o único esporte automotor em que o profissionalismo não chegou. Existem grandes equipes, mas pilotos particulares têm boas chances de chegar na frente. Não é tão barato quanto jogar futebol, mas comparado com as outras modalidades do motociclismo você verá que o sonho de ser piloto é possível.

Acelerando

Chove. A moto da frente jogando lama em seus olhos, pois

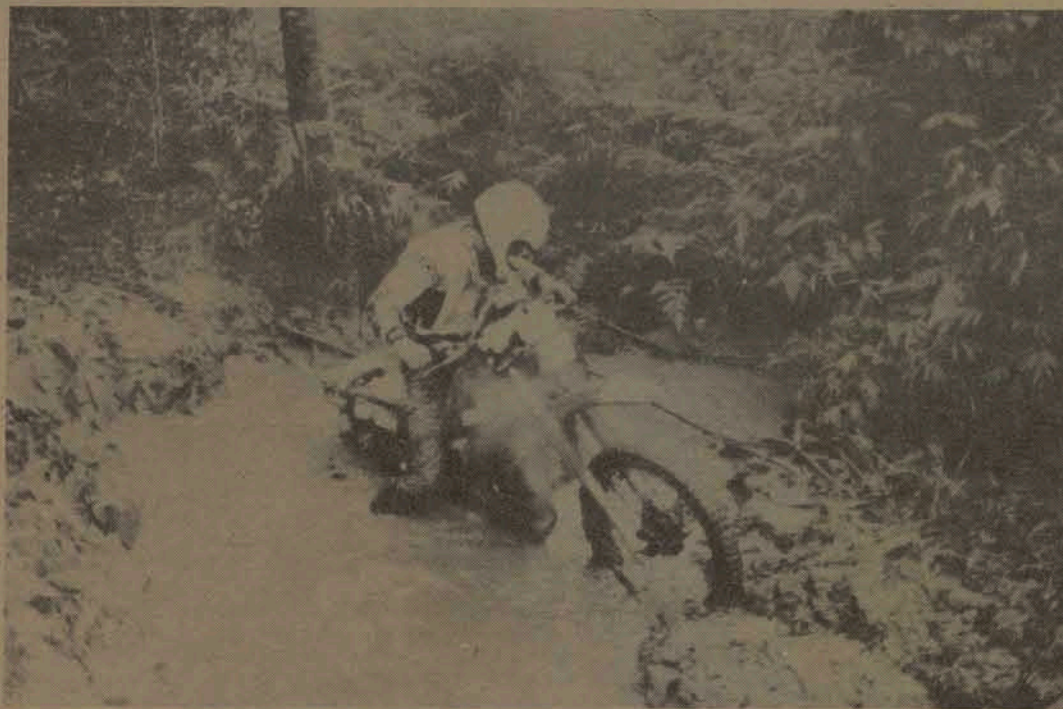


FOTO: ARQUIVO/ZERO

No enduro, a natureza e a moto são as companheiras

os óculos já foram jogados para trás. A curva é para a esquerda. Bata a terceira, segunda, freio traseiro, não deixe a roda travar, pé de apoio, abra o gás e olhe o leque de barro que se forma. Lindo, né? Olhe para a frente. Curva para a direita. Agora não tem pé de apoio, pois é preciso freiar a traseira. Tire o corpo da moto, tente vencer a inércia, use o barranco. Acelere, meta a mão no fundo, mesmo que ela só pense em parar.

Uma moto do tipo fora de estrada, pneus especiais de motocross, e seu primeiro enduro pode ser real. Mas daí até andar na frente é outra história. É preciso mais. Mais investimento, mais dedicação, mais espírito de competição. Segurança é fundamental. Compre calças de nylon,

luvas resistentes, botas. Calculadoras para navegação, e bons relógios aumentam sua precisão. Mas se antene. Preparação física é fundamental. Agüentar um "cavalo" correndo durante horas não é mole. O lado psicológico é fundamental. As pessoas mais maduras sempre levam vantagem nessas provas. Além do mais, sempre bate aquela de "eu-deviater-ficado-assitindo-Xou-da-Xuxa". É preciso ter garra. Se você não gostar de grandes desafios não entre nessa.

Cãibras

Manhã bem cedo, o sol quase nem acordou. Você recebe a planilha (mapa que indica o roteiro e a média horária a ser cumprida) e sai arrepiando. Os

olhos ficam a alguns metros na frente da moto, quase fixos. Só saem dali durante frações de segundo para conferir velocímetro, os relógios e a planilha. É mole? Pensamentos não existem. O mundo, suas loucuras não estão aqui. Depois de algumas horas você já perdeu a noção do tempo. Sentiu? Aqui o tempo tem outra dimensão. Um segundo é enorme, uma hora, nem se fala. As botas se fundem com as pedaleiras, trocam marchas precisas. As mãos não se entregam às câibras. Aceleraram, freiam, puxam a embreagem no compasso em que os olhos analisam o terreno. Tudo é muito rápido. Vacilou, caiu.

A ansiedade em vencer não existe durante a prova. Ela está presente antes da largada e prin-

cipalmente após o término da corrida. Ali, em cima da moto, você não pensa em vencer ninguém. Assim, surge outra característica desse esporte: a solidariedade. Abandonar a prova para socorrer adversários é corriqueiro. Existem os que só querem ganhar, mas esses são poucos. Lá, no meio do mato, ajudar alguém a tirar a moto de uma vala, empurrar numa subida, emprestar peças e ferramentas é real, existe mesmo.

Chegar

A parte da tarde é uma agonia. Querer chegar, terminar tudo, mostrar que você saiu de casa e venceu trezentos quilômetros de rios, montanhas, pedras, curvas e, principalmente, o tempo. Na última subida, a única técnica que existe é se agarrar no acelerador e não cair. Agüente, tá no fim. A chegada é um desabafo. Não que a prova fosse um sofrimento, mas o grito de alegria você vai soltar. Olhe suas mãos, sintam o frio e a dor nos joelhos. Estes são os troféus; os que dão orgulho. Os que nos transformam em cavaleiros medievais.

A vontade de vencer volta com a divulgação do resultado. O coração dispara com os números implacáveis, que mostram quanto você perdeu, quanto é imperfeito. Se não chamaram você para décimo, então pode ser o nono. Se não foi o quinto, pode ser o quarto. E quando sobram somente você e um concorrente para o primeiro lugar, grite, é difícil segurar essa alegria.

O animal se libera. O grito não pode ser contido. O troféu é lindo. Parabéns. Lá fora, a moto está amarrada sobre uma carreta. Toda suja, amassada, esquecida. Agora ela é posta de lado, só terá carinho no próximo enduro.

Futebol brasileiro pede organização

Ewaldo Neto

"Pedro Paulo diz que o jogador está longe demais. Manda eu ver o tico de gente que vai aos estádios. De fato, ouvi dizer que, um dia desses, a um determinado jogo compareceram só quatro pessoas. Pedro me conta outra: no interior, uma partida estava tão chochinha, tão sem graça que as duas torcidas se juntaram e puseram-se a vaia sem dó os dois times. Uuuuuuu! Só que os 22 não gostaram muito daquilo e reagiram: vieram brigar com os torcedores que, sendo em menor número que eles, levaram a pior. Os 22 voltaram para o gramado, livres daqueles chatos.

Este trecho da crônica "Ídolos", de Flávio José Cardoso, diz um pouco como anda o futebol brasileiro. E mais, como anda a coisa no interior, local onde surgem os craques

de várzea. O fato é que da década de 70 pra cá as pessoas foram abandonando os estádios, os jogadores perdendo o contato com as grandes torcidas e os ídolos sumindo. Vários fatores contribuem para que isso ocorra. O poder aquisitivo do brasileiro diminuiu e levar mulher e filho para o jogo hoje significa gastar mais ou menos 500 cruzados por domingo. Muita grana pra quem ganha em média dois salários mínimos por mês.

Depois que o Brasil conseguiu o tríplice no México, em plena ditadura militar, os políticos entraram com tudo na organização dos campeonatos e na direção das federações e dos clubes. A presidência do Flamengo, por exemplo, foi uma ótima oportunidade para Márcio Braga se eleger deputado federal, assim como a Federação Paulista de Futebol ajudou o Sr. José Maria Marin a se tornar um parlamentar. Esses são dois

exemplos do que acontece em todo o país. Na época do regime militar, sempre que a ARENA e depois o PDS não conseguiam uma boa votação em determinada região, a CBD e posteriormente a CBF colocava mais um time no campeonato nacional. Chegando ao ponto de num determinado ano o torneio ter mais de 100 times disputando.

Junto a esse dado está o fato de o Brasil não ganhar uma Copa do Mundo desde 70 e os craques sumirem. O futebol moleque e ingênuo deu lugar a um tático e retranqueiro e a falta ganhando do dribble. Agora os grande jogadores brasileiros vão para a Europa disputar campeonatos organizados, ganhando em dólar e tendo um reconhecimento profissional muito maior.

Desorganizado

Numa breve comparação com o futebol europeu, pelo menos fora de

campo eles nos dão uma goleada. Lá as leis esportivas são cumpridas e as penas — quando necessárias — são rigorosas. A compra de ingressos é feita através de carnês, possibilitando ao torcedor adquirir o bilhete para o último jogo de seu time no campeonato, no começo da temporada. O resultado disso é a excelente média de público nos estádios, quase sempre lotados.

No Brasil, num campeonato onde 12 dos 16 times que disputam a primeira divisão (módulo verde) são de grandes torcidas, a média do público foi de 18.150 pessoas por partida — isso sem contar as finais, que evidentemente o público pagante aumenta. Já na segunda divisão (módulo amarelo), a média foi de 2.762 torcedores, sendo que o jogo de menor público foi Bangu x Ceará com 210 pessoas.

O televisionamento excessivo dos

jogos é tido por muitos como um fator de desgaste do esporte e acomodação daquele torcedor que prefere ficar em casa curtindo uma cervejinha gelada com os amigos do que enfrentar ônibus, engarrafamento e muitas vezes o perigo de ser assaltado. Mas se por um lado a TV desgasta, por outro apresenta para todo o país os novos jogadores, provocando, em tese, um maior interesse pelas partidas, fato que levaria mais torcedores aos estádios. E é incontestável o bom dinheiro que tem entrando nos cofres dos pobres clubes brasileiros, pagos pela Globo. Mas a verdade é que o campeonato mais equilibrado do mundo, pelo menos a nível de disputa, ficou entregue às moscas. Enquanto isso os craques vão para a Europa disputar partidas em estádios cheios e como diz João Saldanha: "a seleção brasileira está jogando lá e não aqui".

Uma viagem latina

Sting canta até em português na sua alucinante turnê pela AL

Sting entra no palco do Maracanã de calça preta e blazer amarelo, tamborilando um pequeno instrumento em forma de lua. Algumas músicas depois está só de camiseta. Esta imagem expressa muito bem a evolução do show que começou às 21h40min, dia 21, no Rio de Janeiro. O estádio, sacudido por 120 mil pessoas, que assistiram o lançamento mundial do álbum "Nothing Like The Sun", e o primeiro espetáculo da turnê brasileira. O cantor continua a turnê por mais cinco capitais.

Sting começa o espetáculo, cantando "Lazarus Heart", faixa romântica do novo disco. A plateia, totalmente seduzida pela simpatia e o carisma do artista, aplaude, euforicamente, a cada frase pronunciada em português ao anunciar suas músicas. A apresentação seguiu com "Fragile", a música em português, incluída no LP — um dos momentos mais emocionantes do espetáculo. Nas duas horas que duraram o show, Sting mesclou suas composições mais recentes, marcadas fortemente pelo jazz, com antigos sucessos dos tempos do The Police, fazendo o Maracanã levantar. O grupo Capital Inicial fez uma preliminar de 50 minutos, e vai acompanhar Sting na excursão.

No dia 21 foi a vez dos mineiros assistirem o show. A turnê passou depois em Brasília (dia 28), Porto Alegre (2 de dezembro) encerrando o tour com dois espetáculos, no Anhembi Parking Show, em São Paulo.

O LP "Nothing Like The Sun", uma mistura de jazz, rock e pop, além de ritmos latinos, como a bossa-nova e o samba. É o novo disco de Sting. A América Latina está presente com as canções "They Dance Allone" e "Gueca Solo", sobre os desaparecidos, vítimas dos esquadrões de morte no Chile.

Mark Knopfler, líder do Dire Straits, participa do disco na faixa "They Dance Allone", e Eric Clapton, em "Gueca Solo". A Gueca é uma tradicional dança chilena, apresentada nas ruas pelas viúvas, filhas e mães dos desaparecidos no Chile — a polícia vem, joga gás lacrimo-

gênio, prende e tortura. A dança é a maneira de reagir.

Sting vem com outra novidade: "Fragile", cantada em português. Esta canção foi composta e fala de Ben Linder, engenheiro americano que trabalhava na Nicarágua, ajudando a construção de uma usina hidrelétrica. Linder, morto em 87, pelos contras, como resultado da confusão em distinguir "Lutadores da Liberdade Democrática" de bandidos apocalípticos, traficantes de drogas ou trabalhadores do Corpo de Paz de marxistas revolucionários. A versão de "Fragile" para o português foi feita por Lulu e Sting não tem muita coisa a declarar sobre isso.

Ignorância alimentando violência. Os contras da Nicarágua o IRA; manter Pinochet no Chile porque os Estados Unidos querem vender Pepsi-Cola; derrubar um governo economicamente. Para Sting, tudo isso é muito sério. E essa preocupação é uma constante em toda a carreira do astro. Nos tempos do The Police — disco "Ghost in the Machine" — a faixa "Invisible Sum" falava da opressão da Irlanda. A geografia pode mudar, mas o assunto é o mesmo.

"Nothing Like The Sun", conta como nos dois primeiros discos solo, com a participação do saxofonista Branford Marsalis, do tecladista Kenny Kirkland e das 'backing vocals' Dollete Mac Donald e Janice Pendarvis. Sting no baixo, Manu Katché e Andy Mewmark, bateria, e Mino Cinelu como percusionista. O novo disco está sendo considerado um "cross-over", por misturar vários ritmos. O mercado americano é muito segmentado, mas Sting juntou ritmos variados, e o resultado está af: jazz, pop, black, dance, contemporânea, samba, representando as múltiplas facetas do cantor.

Ainda neste LP, "Rock Steady", uma denúncia ao ardil dos programas evangelistas de TV: "We'll Be Together"; "History Will Teach Us Nothing", sobre a ação patológica dos barões ladrões que ainda estão em ação nos dias de hoje; "Lazarus Heart", um pesadelo de cores que ele transformou em canção; "Secret Marriage", adaptação de uma melodia de Hans Eisler, colega de Bertold

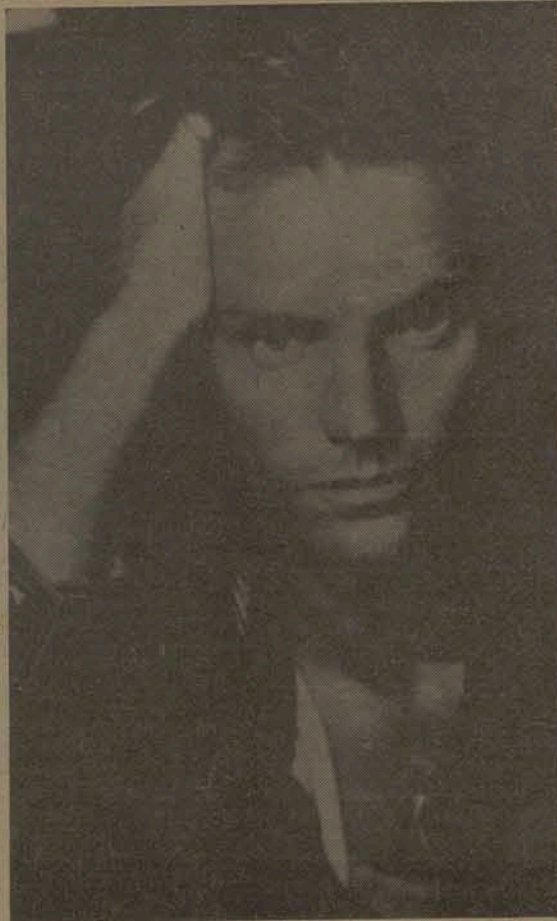


FOTO: ARQUIVO/ZERO

Brecht, que fugiu dos nazistas para a América; "Little Wing", resultado do encontro de Sting com Gil Evans, no Clube "Sweet Basin", em Londres.

Sting leva mais gente do que a Copa União

Além do novo visual, Sting consegue aliar ritmos distintos, num disco de duplo sentido. Cita Jimi Hendrix como um músico de verdade que também era astro pop. Os Beatles eram grandes compositores, mas não músicos, lamenta Sting. De Hendrix, guarda a recordação de alguém imortal. Ninguém jamais repetirá a façanha de Hendrix, nem mesmo "Nothing Like The Sun".

Vê se pode: maconha ainda assusta

João Carlos Mendonça

A geração dos anos 60 está na UTI. Ela que pregou o amor, lutou pela paz e pelas flores chega à maturidade com um grave problema: ter fumado maconha. Isto mesmo. O vício da marijuana acaba de pregar uma peça nos quarentões que chegam a essa idade amarrados a um preconceito bobo e retrógrado.

Recentemente, nos Estados Unidos, um juiz de Direito admitiu ter fumado maconha nas décadas de 60 e 70. Pensou em agradar aos jovens e, por tabela, aos quarentões. Deu-se muito mal. Caiu no descrédito dos norte-americanos, comprou uma briga com o judiciário e deixou Reagan numa situação delicada. Sua única vitória (se bem que não era a intenção) foi a de ter colocado o cowboy-presidente numa posição nada confortável. Mas o fato passaria como uma nuvem não fosse o juiz-maconheiro indicado, pelo próprio Reagan, para ocupar uma cadeira na Suprema Corte norte-americana. Os conservadores caíram de "pau". A segunda derrota de Reagan estava consolidada. A primeira ocorreu quando a Suprema Corte rejeitou o nome do juiz Robert Bork, por ser excessivamente conservador.

Mas a imprensa aproveitou a "deixa" para colo-

car em debate uma questão: quem tem medo da maconha? Há quem considere que pelo fato de ter fumado maconha no passado não invalida que a pessoa exerça uma posição de liderança no futuro. Há aqueles que pensam o contrário.

Os maconheiros

No Brasil há os exemplos de Gilberto Gil, Lobão e Tim Maia, que fumam aos montes. São ídolos. Gil é secretário de Turismo de Salvador pelo PMDB (mesmo partido do delegado Elói, né?). Lobão vende disco adoidado e Tim Maia ainda não conseguiu largar os vícios. Nos Estados Unidos, a nova mania nacional é admitir ter fumado "marijuana". O marketing tratou de adequar a questão aos interesses dos cidadãos daquele país. Neguinho que era caríssimo tratou de ir pra frente dos microfones confidenciar seus complexos: "fumei maconha nos anos 60. Paulo Francis diria: grande merda. Eu o acompanho.

Bruce Babbitt, 49 anos, ex-governador do Arizona e candidato à sucessão de Reagan na corrida presidencial e o senador Albert Gore, 39 anos, trataram de informar o eleitorado que já haviam experimentado a "erva maldida". E avisaram: suas mulheres também. Garantem que não gostaram. Aqui no país tropical, Fernando Gabeira e Fernando Henrique Cardoso admitiram ter feito uso da "manga rosa". A confissão passou a perna em Fernando Henrique. Foi derrotado pelo inconseqüente Jânio

Quadros nas eleições à prefeitura de São Paulo, em 85. Pior ainda aconteceu com Gabeira. Candidato a governador do Rio em 86, Gabeira defendeu a descriminalização da maconha e ficou conhecido como candidato favorável às drogas. Tentou se redimir e não conseguiu. Perdeu as eleições para o camaleão do Moreira Franco.

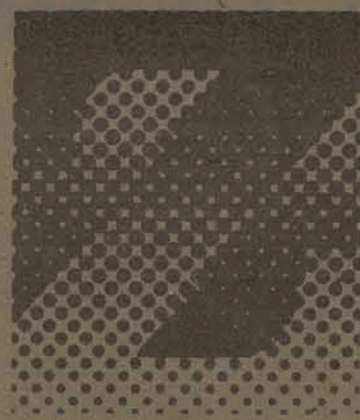
A difícil união entre maconha e poder parece estar cada vez mais distante. A geração que lutou pela paz e amor provocou escândalos com a revolução sexual detonada naquele momento. "Sujou"! Quem diria, condenados pelo vício.

Condenados? Que situação enfrentariam os nossos políticos, se um ex-governador viesse a público admitir que na juventude fumou maconha? E se um constituinte catarinense declarasse publicamente que gosta de "cheirar"? Qual seria o comportamento de seus eleitores?

Afinal a filosofia da geração 60 não amadureceu em Florianópolis. Drogas, amor livre, paz e liberdade ainda são tabus para uma cidade conservadora. Droga é pecado, amor livre faz menina ficar falada, liberdade temos que conquistar.

Mas vamos aguardar as eleições de novembro, próximo e quem sabe poderemos votar num "Douglas Ginsburg". Mas que sucesso não faria! Seria assunto para a grande imprensa e uma preocupação a mais para o delegado Elói, ainda mais se ele fosse candidato pelo seu partido.

CADERNO



Coisas da ilha

Rubens Vargas
Monique Vandresen

Os conhecidos colonistas Cacau Menezes, Beto Stodiek e Miro, após longa discussão, caíram na porrada (não há termo que explique melhor a baixaria) na frente do naturalíssimo Doll, na rua Vidal Ramos. O motivo da briga, segundo alguns dos presentes, era uma vaga no jornal Zero, feito pelos alunos do curso de Jornalismo da UFSC.

A briga começou por volta das seis da tarde, quando Ivanzinho Althof comprava seu germen de trigo. Passando também pelo local, Íque Gevaerde resolveu parar e ver qual era: "Verde que te quero verde!" Aos berros de "É meu! É meu!" Beto Stodiek puxava a sunginha azul turquesa de Miro, que voltava bronzeadíssimo da Joaquina. Cacau chegou sem saber do que se tratava, e comentou com Medieval pouco antes de atirar a cem metros o chapéu australiano de Beto: "Só pode ser comigo!" Patinha, que voltava da Casa dos Cosméticos, ao ver seu companheiro de picolé, Miro, envolvido em tão grande baixaria, gritou num berro aidético: "Dá-lhe, seus estepô!"

Inconformado com a heresia pagã que assistia, Bitá resolveu chamar o xerife Elói, invocando Mateus, versículo V do capítulo XX. Heliete e Elói, em uma cavalgada só invadiram o Degraus. Não havendo ali sinal de briga, resolveram pedir um crepe de frango. Enquanto isso, Cristina Lopes, que saía do salão do Helinho, onde acabava de mudar seu visual paleolítico, torcia pelo Cacau em troca de um ingresso para a Chandon. Luís neguinho, com o patrocínio da Tropical Brasil e Tiki, recolhia as apostas. Paulinho Bornhausen, camiseta verde na onda, dava um back-side cavado e apostava cem mangotes na careca do Beto. Paulo Brito, voltando do Meimbique com seu Corcel dourado, tentou começar um discurso: "Maconheiros e maconheiras!!!!!!" Sem sucesso, resolveu ir tomar um chope com o Paulo Dutra no Petit.

Heliete e Elói, a dupla dinâmica, descobrindo que a briga acontecia a cem metros de onde estavam, saíram aos berros de "O crime não compensa". Cacau, impossibilitado de se mover, já que Miro não largava os seus cachinhos, convocou a rapeize, Izalto, Beaco Vieira e o espírito de Luís Henrique Rosa, ao som de New York, New York, implantaram o caratê boliviano, massacrando os adversários. Scotty, achando que todos valiam Zero, convocou o Zás Trás para ocupar tão disputado cargo. Inconsolados, os três colonistas resolveram ir tomar um ferro no Agapito e entrar para a turma da lama.

Vocês sabem o que é lama?

Poesia: você não sabe ler?

**Aprenda
a ler
o mundo
pela poesia**

Suely Figueiredo

"Mas que puta-merda chata essa tal de poesia". Coisa meio comum da gente ouvir. Poesia parece um universo exclusivo de aficcionados em literatura e uns tantos outros intelectuais excêntricos. Acontece que não é. O problema está em saber ler. Não apenas poesias mas "ler o mundo". Ler um quadro, ler uma dança, ler um filme, ler a cara da pessoa que está do lado e até a realidade, essa porra que a gente não consegue mudar. Não consegue mas está sempre tentando. E quando quebra a cara, tem sempre aquele copinho das

artes pra poder desafogar. É um canal gostoso, cara, você deve experimentar.

Aí você pensa: mas eu não entendo nada... Bem, toda linguagem poética parece estruturada em cima de uma lógica, seja ela verbal ou não-verbal. O fato de você só se comunicar através de signos organizados deu panos pra manga na criação de uma nova teoria: a teoria dos signos, que pintou nos anos 50 com aquela onda estruturalista, trazendo em sua crista pensadores importantes como Roland Barthes e Umberto Eco. Mas só explicar o funcionamento dos signos me parece muito pouco em relação ao potencial revolucionário que



"Plume solitaire e perdue", de Décio Pignatari

Aliás, esse recurso humano chamado "uso da razão" anda meio em baixa. Mas quem sabe a estética não pode fazer alguma coisa por isso? Aquele negócio de signo dividido

a poesia tem a contestar quase todas as lógicas. Principalmente porque nos empurra pro campo da reflexão, do uso do pensamento, tão fora de moda em nossos dias.

em significante/significado e realidade em denotação/conotação, classifica mas não insere os signos na fogueira de quem os usa.

Pra começar, você pode fazer uma coisinha: soltar os bichos, pensar pacas, se ligar no barato que a poesia dá, podendo deixar de lado o seu sentido lógico (seu do leitor, não do poema), a sua preguiça mental e a sua tendência ao superficial.

Você não vai acreditar nos efeitos que conseguirá. Casos já houve de leitores que atingiram o orgasmo ou que chegaram pertinho. Pegue suas poesias, devore-as, e depois deite e role. Se você é daqueles que ainda pensa que um menino de pele listrada não pode descer uma escada de fumaça só porque seus pés tem forma de melancia, você está enganado. Esse menino já desceu e você se tocou. Mas ainda há tempo. A poesia está no prato. Sirva-se.

Panfleto bem intencionado sobre o continente. Só isso

L. Felipe Miguel

O livro de Galeano possui um grande e inegável mérito: é uma obra de propaganda extremamente eficaz. O autor faz uma denúncia vigorosa do processo espoliativo que o imperialismo promoveu e promove na AL, com todas as suas consequências — a evasão de riquezas naturais e divisas, a superexploração da mão-de-obra barata nativa, a submissão política à metrópole, etc. Galeano escreve bem, com fluência e coloquialmente, prende o leitor e seu livro é acessível mesmo àqueles que não possuem qualquer conhecimento sobre a realidade latino-americana. Serve, portanto, como uma "iniciação" ao continente.

No entanto, quem vai ao livro em busca de uma análise sobre os problemas latino-americanos causados pelo imperialismo; de uma reflexão profunda sobre o sistema imperialista; de dados sistematizados sobre a presença imperialista na AL; de uma história do imperialismo no continente — este verá que sua busca resultará, senão em tempo perdido, pelo menos em grande decepção. O autor não resiste a uma

boa frase de efeito: não perde a chance de fazer uma boa metáfora — e, nesta obsessão retórica, acaba sacrificando dados e objetividade. Como um discurso inflamado de bom orador, as Velas indignam e denunciam, mas pouco aprofundam.

E isto — um grande panfleto. Panfleto no "bom sentido", pois o fato de ser panfleto não tira o valor da obra, apenas especifica a que objetivo(s) ela se destina. Falta a Galeano o rigor científico; sobra-lhe verve e mordacidade. E precisamos reconhecer que aliar o rigor científico a uma linguagem colorida é tarefa das mais difíceis.

Linguagem colorida — O aspecto da linguagem é dos mais complexos em Galeano. Sua linguagem não é jornalística, embora tenha evidentes componentes da linguagem jornalística; não é literária, mas recupera valores da linguagem literária como, aliás, faz o bom jornalismo não burocratizado pelas fórmulas de redação. Não é uma linguagem sociológica, econômica, enfim — não é uma linguagem acadêmica.

Exatamente pelo contrário, é enorme o contraste entre a fria linguagem que se fez padrão nos trabalhos acadêmicos e o rico e variado estilo que usa Galeano. Optei chamar-lhe de linguagem colorida justamente pela multiplicidade

que a caracteriza. Mas é o no colorido da linguagem que se dilui o rigor que uma obra científica teria.

Há que se tocar também na questão da linearidade. A narrativa de Galeano não é nada linear, bem pelo contrário — ele vai criando um mosaico de regiões e épocas, contrapondo-as. Não há nenhum tipo de ordenamento cronológico ou regional. O efeito pretendido é conseguido: Galeano nos apresenta com facilidade os grandes contrastes e similitudes. É algo impressionante, que atinge o leitor, choca-o. Não tenho dúvidas de que este era o objetivo perseguido pelo Autor. Erra, porém, quem vê num livro construído desta forma um referencial de grande alcance sobre a AL.

Enfim — pois não há necessidade de que eu me estenda mais — cabe lembrar que Galeano faz julgamentos apressados, superficiais ou mesmo francamente equivocados sobre muitos assuntos. Basta citar a avaliação que ele faz de Getúlio Vargas ou Jânio Quadros. Se, sobre estes temas que nós conhecemos melhor, o Autor erra tão flagrantemente, será que nos outros assuntos, sobre os quais só temos a sua versão, os equívocos não se repetirão? É a dúvida que, ao final da leitura, permanece no ar...

Um livro resposta às tragédias nucleares

Carla Cabral

Florianópolis, a única capital a não ser atingida pelo fogo, só pela água. O Brasil fica reduzido a menos da metade de sua população. Dormir em canos de cimento, em Barra Velha, passa a ser uma constante na vida dos sobreviventes da guerra nuclear. Forma-se assim, a Expedição São Paulo. Esta é a trama do livro A Terceira Expedição, de Daniel Fresnot. O autor esteve recentemente em Florianópolis para lançar seu livro no Centro Acadêmico de Letras.

A estória começa a partir do que conta o velho operário Mané Maestro, a um jovem estudante. Segundo Mané, o holocausto poupou apenas uma pequena região de Santa Catarina, onde os sobreviventes se dispõem a mandar uma expedição para encontrar vida humana em São Paulo. Das três, apenas uma conseguiu alcançar a cidade: a terceira expedição:

São duas estórias que se intercalam e se misturam, mas têm como causa em comum a guerra nuclear. Uma possível resposta às tragédias do Césio, em Goiânia, e a de Chernobyl, na União Soviética. Muito se discute com relação aos mísseis americanos

FOTO: ARQUIVO/ZERO



Expedição luta pela vida

na Europa; tenta-se descobrir os efeitos de uma guerra mundial. Quem sabe não acabaremos mortos, dando um passo apenas?

O livro é um basta ao minimalismo. Para Daniel Fresnot, o ponto de partida para se escrever ficção, é contar uma história — que não fale de coisas que acontecem, mas que poderiam acontecer — com começo, meio e fim. Pitadas de humor e inteligência, na trajetória da Expedição São Paulo e sua luta para preservar os sobreviventes.

A pior realização de Coppola

Mário Vaz

Quem foi ao Cecomtur na semana de 20 a 26 de novembro saiu provavelmente arrependido por ter pago Cz\$ 50,00 para assistir a um dos mais frustrantes filmes do ano. Mais decepcionante ainda, quando se trata de um filme de Francis Ford Coppola, cineasta que já havia apresentado a platéia este ano com três produções, no mínimo melhores do que este último Coppola.

Trata-se de "Jardins de Pedra", filme que tenta dar uma visão daqueles oficiais que não foram para frente de batalha no

Vietnã. Com este objetivo já vimos filmes muito mais atraentes e claros nas suas propostas, como "Hair" e "Amargo Regresso". O filme propõe desestereotipar os militares, enfocando também suas vidas particulares. Porém deste modo o filme faz que a guerra do Vietnã fique como pano de fundo, para seus casos amorosos e conflitos pessoais. Nunca fica claro porque o veterano sargento se entusiasma com um jovem soldado de comportamento comum.

Quem impressionou-se com a parafernália e o ritmo alucinante do outro filme de Coppola sobre a guerra do Vietnã ("Apocalypse Now") não encontra explicações para a monotonia e confusões de

"Jardins...". Não se encontra em nenhum momento inovações visuais ou surpresas na montagem, como sentimos facilmente em "A Conversão" e "O Silêncio da Motocicleta".

No elenco a maior surpresa ficou por conta de D.B. Sweeney no papel do jovem recruta que teve boa atuação. As confirmações de James Caan e Angelica Huston (filha do falecido cineasta John Huston), mas que, no entanto, não tiveram participações brilhantes, pois, estavam presos pelo embaraçoso roteiro.

Esté é certamente o pior Coppola, mas devemos acreditar que é um descanso do incansável realizador americano.

Quando viajar é preciso

Dauro Veras

A primeira viagem desse suíço de 41 anos, como ele mesmo conta, foi a saída do útero de sua mãe: "Nasci de olhos abertos, para ver a luz". Yves Hofer é natural da cidade de Biene, e descreve o momento de sua concepção como "o encontro fortuito de uma pianista e um violonista em um parque público". Talvez essa circunstância insólita, aliada à inclinação de seus pais para a arte, tenha predeterminado sua fome de andanças e o extremo talento para a pintura. Desde os 17 anos Yves tem perambulado pelo mundo. Já esteve em dezenas de países, fala — bem ou mal — dez idiomas, e tem muita história para contar.

Encontrei Yves na Praça XV, no centro de Florianópolis, expondo seus quadros em uma manhã de sábado. São pinturas de paisagens — geralmente da Ilha de Santa Catarina — nas quais ele utiliza a milenar técnica *sumiê*, que aprendeu durante os quatro anos em que morou na China. O preço das obras varia de Cz\$ 300 nas feiras de artesanato, a mais de Cz\$ 3 mil, nas exposições voltadas para um público elitizado. Na rua, os quadros são vendidos sem moldura, barateando o custo. O suíço mora em Florianópolis desde março, quando chegou acompanhado de Ana Maria Silva, sua mulher, uma simpática brasileira nascida em São Paulo. Eles pretendem ficar até o fim do verão, e depois a idéia é zarpar para Maceió.

Janela aberta

Reencontrei o casal uma semana depois, novamente em uma manhã de sábado na Praça XV. Sentados em um banquinho sob as árvores, tivemos durante algumas horas um bate-papo regado a batida de tangerina. Em um portunhol salpicado por alguns termos de francês, Yves descreveu sua primeira fuga de casa. Aos 17 anos, escapou pela janela levando consigo apenas cinco francos suíços e um quilo de

Desde a adolescência o pintor suíço Yves Hofer vem percorrendo o mundo, vivendo de seus quadros e sua música



Yves e a mulher Ana têm um sonho antigo: uma escola polivalente de artes.

chocolate. Saiu caminhando em direção à fronteira com a França.

"Peguei uma carona com o presidente da Burroughs, uma fábrica de cigarros que fica em Vevey, na Suíça", conta. O carro ia a Paris, e Yves também foi. Lá, na margem do rio Sena, conheceu um homem que ofereceu a ele, em troca do chocolate, hospedagem e anfetaminas, em pílulas com o formato de coração. No dia seguinte, ressecado, o suíço resolveu sair de Paris, e pegando outra carona foi parar em Aachen, na Alemanha Ocidental. Depois de mais alguns dias de faras, voltou para casa e entrou de volta pela janela.

Jardim

"Não sou aventureiro", frisa o pintor. "A Terra é meu jardim". Ele conta que, durante a infância, precisou mudar de cidade muitas vezes, pois o pai era coronel das Forças Armadas da Suíça. Tantas mudanças sem sentido, e desentendimentos com a família, levaram Yves a procurar ampliar seu universo. Índia, Afeganistão, Turquia, China, Espanha, Itália... "Seria mais fácil citar os países que não conheci", afirma, com sim-

plicidade e humor. Suas andanças durante todos esses anos dariam várias voltas ao redor do planeta, se pudessem ser alinhadas em traçado contínuo.

Era necessário desenvolver bastante a capacidade comunicativa, o que transformou Yves em um poliglota. Sua língua materna é o francês. Também fala, escreve e lê fluentemente alemão e inglês. Como segunda língua, fala espanhol, italiano e português. Tem ainda conhecimento de turco, urdu (idioma do Afeganistão), farsi (também usado pelos afegãos) e chinês.

Magia

"Levo de 30 minutos a três horas para fazer cada quadro", conta o suíço. "A obra não tem valor pelo tempo em que é feita" completa Ana, que também trabalha com pintura, mas cuja maior dedicação é a música. Yves usa como pincel pedaços de bambu bem afiados. Ele afirma que em cinco ou seis anos de prática é possível dominar a técnica *sumiê*, mas para obtenção do conhecimento completo dessa arte milenar é preciso "mais que uma vida".

Nas suas viagens, a arte

africana o marcou profundamente. Yves cita certas esculturas feitas em Gana, Mali e Costa do Marfim, que possuem uma estranha força mágica já testemunhada por ele: "As estatuetas têm o poder de esvaziar ou encher uma festa, se forem viradas para frente ou para trás", revela. Outra grande fonte de transmissão de energia, para ele, é a música africana. Talvez esse tenha sido o canal de encontro entre Yves e Ana Maria — brasileira, música e negra. Eles se conheceram em Hamburgo, na Alemanha Ocidental, em 1982, e continuam juntos até hoje.

Poemas

Ana Maria Silva era estudante de Pedagogia em São Paulo e tinha um emprego federal na área de produção gráfica. Ganhou uma bolsa de estudos de alguns meses na Alemanha Federal, e quando o prazo acabou, ela resolveu ficar na Europa, passando a viver de música. Em 1981, Yves chegou à Alemanha, retornando da África, e no ano seguinte se conheceram. O suíço também é músico e eles tocaram juntos em vários bares daquele país. Ana escreveu dois livros: *Pobres Vislumbres Humanos* (crônicas

de viagem) e *Girar Sóis*, composto de haicais, pequenos poemas japoneses com apenas três versos — de cinco, sete e cinco sílabas. Os poemas foram escritos em português, com tradução francesa feita por Yves.

Tropical

"Eu poderia escrever uma autobiografia que iria virar *best seller*", comenta o pintor, "mas não gosto de escrever, nem de ficar dizendo eu, eu, eu..." Dá pra viver de arte? Para Ana e Yves, sim. Eles moram em um apartamento alugado em Canasvieiras, têm um apartamento em São Paulo e um fusca usado. É uma vida simples, sem luxos. Filhos, até o momento não, por causa da vida nômade, mas "daqui a um tempo, quando a gente se fixar em um lugar...", confia Ana.

Eles pretendem ficar em Florianópolis até o fim deste verão e até lá arrecadar fundos para um projeto que há anos tem sido acalentado: a construção de uma escola polivalente chamada

Tropical Conceito Dois Mil. Se tudo der certo, em breve a cidade de Maceió terá um centro cultural onde os jovens vão poder aprender música, cerâmica, pintura e línguas, em um ambiente criativo e descontraído.

Telepatia

Pergunto a Yves sobre as pessoas que vêm e vão, em todos esses anos. Ele escreve cartas? "Não, quase nunca. Faço contato telepático", diz, com um sorriso. Para ele, a amizade transcende o contato físico.

Duas horas da tarde, a fome aperta e a batida de tangerina já acabou. Por que você viaja?, pergunto. "Porque gosto", ele diz. "Não procuro nada em minhas andanças pelo mundo. Sou pintor e músico, nada mais". Fico curioso para saber o motivo de ele expor na rua em vez de ter mais lucro nos salões. Ele pensa um pouco, sorri e filosofa: "Sou mais pescador que banqueiro..." Em seguida completa: "Eu exponho na rua porque gosto que o vento carregue as pinturas pra que eu corra atrás".

IMAGENS DA OPRESSÃO



A fome na África

Sônia Bridi

Cinquenta
fotos celebram
os 20 anos
da agência
Gamma



O trágico
acidente da
Union Carbide
em Bophal,
Índia

A melhor definição do trabalho fotográfico da agência francesa Gamma está neste texto: "Nós sobrevoamos a área com helicóptero na esperança de achar um ou dois sobreviventes entre os mortos que juncavam aquilo que antes de ser bombardeado pelos vietcongs tinha sido um campo de aviação. Subitamente, notamos ao longe, no chão, um jovem louro tentando estancar o sangue que jorrava de uma ferida feita na perna. Mergulhamos em sua direção e o puxamos a bordo. As primeiras palavras que teve foram: 'Sou free lancer inglês e quero colocar minhas fotos na Gamma'. Nos separamos em Nha-Tuang, num clima de loucura. Nunca o esqueci".

Esse depoimento está num painel na entrada da agência, em Paris. A Gamma é a mais importante agência fotográfica do mundo, com dois mil fotógrafos em vários países atendendo a mais de 2 mil publicações.

Paris, 67. Quatro fotógrafos largam seus empregos e resolvem montar uma cooperativa de distribuição de fotografia. Foi assim que nasceu a Gamma, uma experiência que revolucionou o trabalho de fotojornalismo, onde o fotógrafo divide despesas e lucros, num esquema de pautas livres. O resultado está sendo mostrado numa seleção de 50 fotos em preto e branco e coloridas que estão expostas no prédio da antiga Alfândega.

A exposição comemorativa aos 20 anos da Gamma foi montada em Paris (com 150 fotos e um audiovisual), passou por São Paulo em agosto e veio para Florianópolis através do Sindicato dos Jornalistas, com patrocínio da Portobello e Souza Cruz. Na primeira quinzena de dezembro a exposição vai estar no Teatro Carlos Gomes, em Blumenau, e depois, ainda sem data marcada, passa por Joinville e Chapecó.

As 50 fotos 30 x 40 cm explicam como a fotografia consegue resistir aos satélites que do espaço examinam qualquer ponto do planeta azul com detalhes. Na guerra do Vietnã, no golpe de Pinochet, em Paris de 68, na invasão do Afeganistão, nas Olimpíadas de 84, ou no exato instante em que um soldado da guarda real inglesa desmaia diante de Sua Majestade Elizabeth, um fotógrafo da Gamma registrou seguindo o caminho do mestre da fotografia de guerra, Robert Kappa: sensibilidade, técnica e uma disponibilidade total. Acrescentaram por conta própria uma dose de loucura como aquela do louro inglês. Uma loucura que custou a vida de um dos fundadores da agência, Guilles Caron, que morreu em 1970 no Camboja e outros cinco fotógrafos que morreram trabalhando em Biafra, Uganda, Vietnã e Camboja. Os que sobreviveram à ousadia montaram um arquivo de 5 milhões de fotos coloridas e 7 milhões de negativos preto-e-branco.



Murais anti-imperialistas no Irã



O povo chileno em sua luta permanente contra a tirania



Morte
prematura